

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

PREVISÕES E
REVELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE –
um estudo sobre videntes e profetas

Autora: Larissa Costa Duarte

Orientadora: Juliana Braz Dias

Monografia de Conclusão do Curso de Antropologia

Brasília
2011

Larissa Costa Duarte

PREVISÕES E
REVELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE –
um estudo sobre videntes e profetas

Monografia de final de curso para obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia. Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

Orientadora: JULIANA BRAZ DIAS
Examinadora: CHRISTINE DE ALENCAR CHAVES

Brasília
JULHO DE 2011

A gente quer ter voz ativa, no nosso destino
mandar, mas eis que chega a roda viva e carrega o
destino pra lá.

Roda Viva – Chico Buarque

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
SOBRE O TEMPO E O VALOR DO AMANHÃ	10
VIDÊNCIA E PROFECIA – DESTINO, PRIVACIDADE E SACRALIDADE	20
PREVISORES E CONSULENTES – OS ATORES DE UM RITUAL DE CONSULTA	29
A EXPERIÊNCIA	39
DINHEIRO E SACRALIDADE	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

O futuro é uma categoria culturalmente elaborada e, arrisco dizer, uma abstração simbólica. O futuro é uma alegoria que pode ou não vir a existir. Ainda assim, é ao redor dele que a vida acontece, individual ou socialmente. A finitude do indivíduo e do próprio planeta é ignorada momentaneamente para que um plano seja feito a partir de um sem fim de dados presumidos – são deixados de fora, para que se possa imaginar o futuro, dois fatores essenciais: o caos e o acaso. É por esta razão que o futuro detém, em todas as partes, as aflições de todos os homens. Dirigidas por tais angústias, as sociedades desenvolveram os meios mais distintos de tentar acessar o porvir. Previsão e vidência se tornaram práticas potencialmente universais. A aparente secularização do mundo ocidental parece afastar gradual e lentamente tais práticas de nossa cultura, mas os indícios provam que a realidade é mais complicada de apreender. Estas práticas continuam existindo fortes, especialmente em meios místico-religiosos.

Fenômenos de previsão do futuro despertaram meu interesse por diversos motivos. Primeiramente, porque acho significativo notar que a racionalização do pensamento moderno encontra enorme dificuldade de enfrentar o espírito místico de nossas culturas religiosas. Em segundo lugar, porque mesmo religiões cristãs que dizem combater “feitiçaria” e “adivinhações” parecem aproximar-se cada vez mais destes modos em suas vertentes neopentecostais – como estudos antropológicos e sociológicos mostram há anos¹, a lógica do combate pela assimilação aproxima o evangelismo daqueles identificados como seus inimigos. Em terceiro lugar, porque estes oráculos, videntes, ou como quer que se possa chamar, têm ocupado durante décadas uma posição de marginalidade, ao mesmo tempo em que despertam a curiosidade das pessoas sobre suas práticas. Por último, porque parece ser, de fato, um fenômeno universal, e como tal, deve reproduzir uma angústia que é própria dos seres humanos.

¹ Como Ricardo Mariano em *Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. (1999) e Clara Mafra em *Os Evangélicos* (2001) apenas para citar duas obras da atualidade.

Movida principalmente por estes questionamentos, optei por fazer um trabalho comparativo entre alguns, por assim dizer, “oráculos da contemporaneidade”. Estas figuras que chamarei aqui distintamente de “videntes” e “profetas”, segundo critérios que logo tornarei claros, podem parecer, a princípio, anacrônicos. Contudo, minha pesquisa parte justamente de um questionamento dessa idéia, Procuro avançar o argumento de que possa haver, por trás da existência dessas práticas de previsão do futuro, uma fundamentação que passa, em um primeiro instante, despercebida, mas que é extremamente sólida e central dentro da estrutura da sociedade que as comporta.

Eu poderia – e gostaria de fazê-lo, de fato, se houvesse mais tempo – pesquisar muitas outras categorias de oráculos em sistemas místico-religiosos distintos, como médiuns, pais-de-santo, astrólogos ou cabalistas. Em qualquer sistema nestes moldes poderíamos encontrar uma figura oracular que caberia na comparação. No entanto, a fim de melhor delimitar o recorte desta pesquisa, permitindo uma análise adequada, tive que fazer a opção por duas únicas categorias, e eis as que serão aqui tratadas: os *profetas* no universo cristão evangélico; e os *videntes* que chamarei de “profissionais” – ou seja, aquelas pessoas que realizam a leitura do futuro como atividade remunerada, mas que não têm uma formação religiosa sólida e estrita, bebendo das mais diversas fontes de espiritualismo e filosofia.

Utilizo a categoria “oráculo” para me referir a um grupo abrangente onde todas as classes de previsores do futuro se enquadram. Devo esclarecer desde este momento que tais oráculos não acessam apenas o futuro, mas também passado e presente, e entre suas responsabilidades estão também a de dar aconselhamento e de realizar pequenos ritos mágicos para transacionar com o mundo espiritual. Esclareço também que não entrarei na difícil discussão sobre a separação entre religião e misticismo; tratarei os dois de maneira similar fazendo a única diferenciação no sentido de expressar que o misticismo, ao contrário da primeira, não possui uma divindade portadora de identidade própria, tendo sempre noções mais abstratas de uma “força maior”, ou “força criadora”. Entidades sobrenaturais estão presentes nas duas, sendo que no misticismo não fazem parte de uma tradição única, mas de várias delas.

Meu trabalho de campo foi realizado em igrejas neopentecostais no Distrito Federal (em cidades satélites e no Plano-Piloto), bem como com videntes das mesmas cidades e seus clientes. No decorrer dos capítulos trarei maiores detalhes sobre cada um dos casos. Em pouco mais de um semestre pude freqüentar cultos, rodas de oração e sessões de leitura do futuro, além de entrevistar pelo menos uma dezena de pessoas envolvidas em um destes dois universos.

Levantei, no decorrer da pesquisa, uma série de perguntas. O que está em jogo, por exemplo, quando um indivíduo procura auxílio sobre as questões pendentes de sua vida? Felicidade, dinheiro, saúde – todos estes elementos são engrenagem fundamental no universo da vidência. Perguntas aparentemente tolas disputam lugar com questionamentos delicados e perigosos para os quais os consulentes buscam respostas.

Ao vidente e ao profeta cabe a difícil tarefa de aconselhar pessoas que se encontram, em sua grande maioria, fragilizadas por seus problemas. Acusados frequentemente de mau-caratismo e charlatanismo, estes indivíduos prosseguem em suas atividades, vivendo por vezes exclusivamente de seu dom. As acusações não são completamente injustificadas, já que muitos casos de abuso e desonestidade acontecem no meio e prejudicam, inevitavelmente, todas as pessoas relacionadas a tais classes. Para citar dois exemplos de como videntes e profetas têm aparecido na mídia associados a casos de fraude, menciono o caso do pastor que utilizava o perfil em redes sociais dos membros de suas igrejas para realizar “profecias” acuradas sobre a vida dos mesmos durante os cultos². Munido de todo o tipo de informação como idade, emprego, situação amorosa, gostos, etc., o pastor fingia estar recebendo tais informações diretamente do Espírito Santo de Deus quando, na verdade, as obtia minutos antes na internet. Já no universo da vidência, temos o caso da vidente que se voluntariou para ajudar a polícia do Distrito Federal a desvendar os detalhes de um crime (conhecido como “o assassinato da 113 sul”)³, apenas para descobrirem que ela era amiga da principal suspeita e estava

² O caso pode ser lembrado em reportagem na internet. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_X0EE3NmuiA> Acesso em 17 jul. 2011

³ O caso pode ser lembrado em reportagem na internet. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/08/25/interna_cidadesdf,209674/index.shtml> Acesso em 17 jul. 2011 Nesta página também é dito que a vidente citada passou a oferecer consultas na prisão para suas companheiras de detenção uma vez que foi encarcerada por ter intencionalmente prejudicado uma investigação policial.

conduzindo a investigação propositalmente para longe das pistas que levariam aos verdadeiros criminosos.

O campo desta pesquisa é árduo e irregular justamente por este motivo: as pessoas costumam ter opiniões muito estritas quanto ao assunto – de credulidade, ou de reprovação e ceticismo. Não se pode ignorar, já disse, que a previsão tornou-se terreno fértil para pessoas mal intencionadas – mas, novamente, qual a área que escapa das más práticas? Fiz neste trabalho o esforço válido de tentar fugir do lugar comum e destas duas conclusões opostas e igualmente simplistas que pouco acrescentam a nosso conhecimento sobre o fenômeno: a de que a previsão só pode ser ou real, ou fraudulenta. Não é verdade. As coisas vêm em preto, branco, e diversas gradações de cinza. Em se tratando de fenômenos rigorosamente mágicos e sobrenaturais é preciso um esforço constante para que a pesquisa não extrapole os limites do que é observável.

É fundamental perceber a implicação oculta na crença de que o futuro foi determinado por uma força ou ser sobrenaturais. Esta visão, que é a visão partilhada por todos aqueles com quem estive em contato durante o campo, é rigorosamente antropocêntrica. O homem, para eles, é o centro do universo – para cada pessoa, há um propósito, um motivo único que justifica sua existência. Desnecessário dizer o quão religiosa é esta visão de mundo, e o quão consoladora. Como na tese de Eliade (1992), autor que utilizarei repetidamente em capítulos posteriores, o ser humano é movido pelo pavor do caos – pela negação de que talvez seja apenas um acidente evolutivo no universo, desprovido de qualquer propósito se não o que inventou para si mesmo. Se a antropologia tão prontamente apontou o etnocentrismo inescapável de todas as culturas, por que não refletir sobre a convergência também universal de que os homens são superiores ao resto das espécies – que a eles, e somente a eles, foi dada a graça do propósito? O propósito, o sentido da vida, é a base da categoria de sagrado que fundamenta toda a experiência da previsão. Eventualmente voltarei neste tópico que considero absolutamente central para a compreensão do fenômeno. Além disso, trabalharei, nos capítulos que se seguem, com uma série de questões que entendi como sendo as mais relevantes para este tema e para a comparação que me propus a fazer.

No primeiro capítulo, traço uma revisão bibliográfica dos temas “tempo” e “futuro” tratados na antropologia por alguns autores clássicos como Evans-Pritchard,

Durkheim, Geertz, Leach, e outros. Faço também uma análise sobre a preocupação humana com o futuro, suas origens e suas implicações.

No segundo capítulo, trato de localizar o universo da vidência e da profecia no cenário contemporâneo. Introduzo a noção fundamental de Sagrado e uma série de oposições que culminam em divergências ou convergências entre os meios.

O terceiro capítulo é dedicado a analisar as figuras oraculares e os consulentes que dialogam durante os ritos de previsão. Quem são, como agem, o que fazem, quais as suas motivações são algumas das questões debatidas ao longo deste tópico.

No quarto capítulo, experiência e performance são os temas chave. Uma análise dos ritos em si e dos discursos envolvidos nos mesmos é feita de modo comparativo no sentido de destacar semelhanças e diferenças entre videntes e profetas.

Finalmente, no último capítulo, trato do que parece ser o tema mais “escorregadio”, por assim dizer. Dádiva, dinheiro e valores são analisados, e sua centralidade nas práticas ritualísticas é vista dentro de diversas perspectivas.

Muito mais do que questionar legitimidade e eficiência, busco neste trabalho entender como profecias e adivinhações agem sobre a vida daqueles que creem. Quem são essas pessoas? Por que procuram esse tipo de ajuda? Qual a qualificação daqueles que lhes aconselham tão prontamente? Não são poucas as questões levantadas por este tema. Uma revisão bibliográfica e minha análise baseada em uma grande quantidade de dados a que tive acesso dividem espaço com relatos e experiências de outras pessoas que fizeram a gentileza de me apresentar aos dois mundos e conversar prontamente comigo. Agradeço imensamente pelo tempo e paciência de todos. Nas páginas a seguir, mostrarei o embate destas distintas visões de mundo, e de uma discussão ainda pertinente: estamos sujeitos a um determinismo estipulado por forças sobrenaturais, ou será que, como bem dito por Carl Jung, enquanto não tornarmos o inconsciente consciente, ele dirigirá nossa vida, e o chamaremos de “destino”? Desde já, confirmo que não há respostas fáceis ou acertadas para muitas destas perguntas.

CAPÍTULO 1: SOBRE O TEMPO E O VALOR DO AMANHÃ

A Questão do Tempo na Antropologia

A previsão de eventos futuros é uma preocupação que percorre a história e a humanidade. Seja através da manipulação de oráculos, da consulta a adivinhos, de profecias, ou de recursos científicos e estatísticos, o homem tem tentado desvendar o porvir e preparar-se para este. Aliás, se dividimos o tempo tradicionalmente em passado, presente e futuro, não seria descuido afirmar que o presente é onde menos pousamos o pensamento.

Talvez nenhum dos autores clássicos da antropologia tenha trabalhado especificamente com o tema da previsão do futuro – ressaltando Evans-Pritchard em seu clássico *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*. No entanto, como bem observado por Nancy Munn em seu ensaio sobre a antropologia cultural do tempo (1992), a questão do tempo foi trabalhada por todos os antropólogos em algum nível, uma vez que o mesmo é uma dimensão inescapável de todos os aspectos da experiência e da prática social. A temporalidade é, então, construída através de processos socioculturais, podendo ser tão diversa para diferentes grupos quanto qualquer outro aspecto da cultura.

Existem duas maneiras principais de abordar o tempo, ainda segundo a autora. A primeira delas seria a de entender o tempo como uma seqüência infinita de unidades atomísticas (como segundos, minutos, etc.), que cabe na metáfora da fileira de dominós que se sucedem como unidades, mas que colocam todas as outras peças em atividade. A segunda delas seria a de entender o tempo como fluxo contínuo (MUNN, 1992, p.94), ou como a metáfora remota do rio onde não há unidades (instantes) distinguíveis, mas uma força irrefreável correndo em um único sentido.

Alguns autores clássicos desenvolveram seus próprios paradigmas temporais. Durkheim, por exemplo, faz distinção entre dois tipos de tempo na parte final de *Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912, p.441): o tempo coletivo e o tempo pessoal. O primeiro deles consiste nas percepções do grupo em relação ao que ele

chama de “ritmos” da vida social – as estações do ano, por exemplo, seria um exemplo dessa percepção. Do outro lado, no entanto, o tempo pessoal faria referência à consciência do sujeito – um fluxo que ele percebe dentro de si; uma duração que é apreendida através de sua experiência.

Geertz também trata do tema em seu trabalho sobre Bali (1966). Ele sugere que em seu caso de estudo o tempo é percebido através da reprodução de gerações. O autor também trabalha com a idéia de “re-gênese social” segundo a qual o tempo é entendido pelos balineses através da procriação e da descendência. O ciclo das gerações são ciclos temporais nos quais a criança representa o futuro e o porvir.

Leach (1957) é mais um autor que discute pontualmente a percepção do tempo. Ele diz que existem fundamentalmente três maneiras de se perceber a existência da temporalidade: a repetição das coisas (gotas caindo, estações do ano, fases da lua); a deterioração das coisas (nosso envelhecimento biológico, as frutas apodrecendo); e a comparação da passagem de tempo em diferentes coisas (uma maçã, por exemplo, “envelhece” mais rápido que um homem). Para Leach, nós “sentimos” o tempo – nós fabricamos as regularidades e as noções do mesmo para que possamos projetá-lo na vida social.

Por fim, voltamos a Evans-Pritchard que é um dos autores que trabalhou o tema de maneira mais próxima à proposta por este projeto. Em *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*, o autor avalia a centralidade da feitiçaria e da adivinhação naquela sociedade – ele passa por análises dos métodos utilizados nas previsões, do treinamento dos adivinhos, das motivações daqueles que os procuram, do pagamento devido a estes prestadores de serviços.

O autor também trata extensamente do tempo no caso dos Nuer (1940a). Ele entende que o que é cultural é a percepção da passagem do tempo, e não a temporalidade em si. Ele se aproxima de Malinowski na noção de tempo considerado, e de Durkheim na noção de fluxo. Sua perspectiva sobre o tempo também pode se afastar da questão das atividades e recair sobre a noção abstrata de “relações entre pessoas e grupos” que propiciam uma noção ilusória de movimento temporal, aproximando-se de Geertz.

Escolhi estes autores por acreditar que suas reflexões sobre o tempo e a percepção do mesmo se aproximam de nosso contexto, e voltarei neles mais

algumas vezes no decorrer deste trabalho. A seguir trarei algumas diferentes perspectivas sobre o tempo em diferentes tradições culturais.

O Tempo e a Previsão na Cultura Ocidental Contemporânea.

Em nosso cenário ocidental, urbano, contemporâneo, a preocupação com o futuro parece ser o reflexo de um mundo de intrincadas relações de causalidade, de investimentos opulentos, de doenças enigmáticas, de opções delicadas, e de busca por amores e relacionamentos. Em verdade, estas são possivelmente preocupações universais e atemporais, e que ajudaram a preservar a importância da busca por previsibilidade em nossas vidas.

No universo de pretensa racionalidade em que vivemos, ainda buscamos algum indicador – algum tipo de segurança – sobre o amanhã. Seja através de caríssimos consultores de investimento, de revelações religiosas, de horóscopos e mapas astrais, de videntes, de previsões cabalísticas ou de contato com os mortos – em diversos sistemas de crenças é fato amplamente aceito que podemos, sim, vislumbrar o futuro. Aliás, a própria ciência tem elaborado teorias complexas e metafísicas que ultrapassam e muito o fazer científico tradicional para elaborar hipóteses sobre o tempo e nossa relação com o mesmo, como é o caso da Física Quântica.

O fato é que não conseguimos nos desvencilhar do valor do amanhã – pelo contrário, vivemos em função dele. Trabalhamos para viajar ao final do ano e para nos aposentar após 20 ou 30 anos de serviço; investimos para conseguir dinheiro em longo prazo; guardamos dinheiro para comprar um carro, ou um imóvel. Somos entes obcecados pelo futuro. Somos fazedores de planos, muito mais do que realizadores deles. No entanto, precisamos sempre de alguma garantia mínima de que colheremos mais tarde os nossos frutos. Afinal, percebemos o passar incansável do tempo, e sabemos que teremos que priorizar nossos desejos. E sabemos, finalmente, que embora exista o fator *mágico* do imprevisto, nossa capacidade efetiva de ação está invariavelmente limitada.

A pergunta que surge fatalmente é: por que, então, esta obsessão? Ora. Porque somos seres transitórios, e porque estamos sujeitos a duas forças grandiosas: o acaso e a morte. A vida, diz Giannetti (2005), é um intervalo finito e indefinido. O tempo corre em sentido único, e seus agentes gravam diariamente em nossos corpos as marcas da senilidade. Nunca mais serei tão jovem quanto neste exato momento em que escrevo, e o mesmo é válido para o momento em que meus possíveis leitores terão em mãos este texto. Mas as escolhas continuam a surgir a cada instante nesta “trama para a qual fomos chamados sem consulta prévia e da qual seremos, em hora incerta, compelidos a sair” (GIANNETTI, 2005, p.21), e elas terão consequências irrevogáveis. A grande pergunta é: estamos prontos para tomar decisões?

A resposta não demanda hesitação: não. Não estamos prontos para decidir, e somos filhos de uma tradição cultural cristã de arrependimento e culpa que torna o desafio humano ainda mais penoso. A maioria das nossas escolhas, e as mais importantes delas, são definitivas, e quando não o são, vem acompanhadas de preços maiores do que gostaríamos de pagar. É por estas, entre outras razões morais, filosóficas, biológicas, etc., que o futuro torna-se motivo constante de aflição para a maioria de nós.

Previsão e Profecia na Tradição Cristã

Muitas pessoas servem-se da crença consoladora de que esta vida não é a única que terão – seja através do paraíso, de mundos alternativos, ou da reencarnação, estas pessoas acreditam que a vida humana não se resume aos anos que passamos na Terra. Mas ainda assim, todas elas parecem assumir, para fins práticos, a premissa de que estamos limitados a uma única existência, e de que temos que extrair o máximo e o melhor dela.

Utilizo-me novamente de uma passagem contida no prefácio do livro do economista Eduardo Giannetti (2005, p. 9-12) para levar a discussão adiante:

Desfrutar o momento ou cuidar do amanhã? Ousar ou guardar-se? São perguntas das quais não se escapa. [...] Das decisões cotidianas ligadas a dieta, saúde e finanças às escolhas profissionais, afetivas e religiosas de longo alcance, as trocas no tempo pontuam a nossa trajetória pelo mundo. [...]

O futuro é síntese de nossa existência – é o lugar ao qual tentamos chegar. Ele representa a esperança de uma vivência mais agradável e mais plena. É neste, por assim dizer, “lugar-período” que parecem estar nossas realizações afetivas, profissionais, financeiras, etc. Mas não importa no que acreditamos, as escolhas do aqui-agora são reais, e não podemos nos abster de lidar com elas, sequer por uma existência póstuma de paz e benignidade.

Em qualquer escolha na vida podemos, segundo Giannetti, assumir uma entre duas posições: fazer agora e pagar depois, ou pagar agora e fazer depois. Talvez não seja fácil perceber como nos deparamos constantemente com este dilema, mas os exemplos corroboram a tese: posso juntar dinheiro para comprar um carro, ou posso pegar o carro e pagá-lo em um sem fim de prestações. Posso comer um enorme pedaço de bolo, mas sei que depois precisarei queimar calorias praticando alguma atividade, ou posso fazer algum exercício agora e me recompensar com uma sobremesa. Posso pegar um empréstimo e viajar pelo mundo, ou posso juntar dinheiro durante alguns anos para realizar este sonho mais tarde. O fato é que o anseio pelo futuro é, na verdade, o anseio por qual posição tomaremos: a de credor, ou a de devedor.

Filosofias como a Teologia da Prosperidade vêm mostrar que a idéia de um pós-vida santificado já não é suficiente para sanar as angústias seculares dos fiéis – ele já não é visto como crédito suficiente para as mazelas a que somos submetidos em vida. As bênçãos precisam estar sempre na linha do horizonte – quase ao alcance. Saúde, dinheiro e sucesso precisam, pelo menos em tese, poder ser alcançadas aqui na Terra.

Com esta mudança de paradigma o neopentecostalismo se tornou terreno fértil para revelações e profecias. Propagando-se como fogo sobre a palha, o dom carismático da revelação se manifestou em um contingente sem fim de pessoas. O fato é controverso dentro da corrente pentecostal do cristianismo. Enquanto o galho mais recente da corrente formado por igrejas renovadas, independentes e

neopentecostais promove e defende a legitimidade do dom, as vertentes mais tradicionais se mostram desconfiadas e receosas quanto ao fenômeno.

Em uma passagem do livro de Números, o Senhor retira parte de seu próprio espírito e faz com que este repouse sobre algumas pessoas. Dois homens – Eladad e Meldad – recebem o espírito e passam a profetizar no acampamento. Espantado com a prática, Josué pede: “Moisés, meu senhor, manda que se calem.” E Moisés lhe responde: “Tens inveja por mim? Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor lhe concedesse o seu espírito!” (Nm 11-28,29).

A tradição profética do cristianismo tem origem no judaísmo, como prova a passagem anterior, também presente no Pentateuco. No decorrer da história, os judeus enveredaram por práticas de revelação mais complexas e refinadas, como as cabalísticas, enquanto o cristianismo permaneceu no universo do dom e da experiência.

Para os neopentecostais, por exemplo, o Espírito Santo concede um dom a cada um de nós, geralmente – mas não necessariamente – no momento simbólico do batismo no Espírito Santo⁴. Para alguns pentecostais mais tradicionais, isso não é verdade. Eles defendem que os dons carismáticos foram concedidos aos apóstolos para confirmar sua autoridade quando falassem em nome do Senhor – apenas eles possuíam os dons, e apenas eles poderiam passá-los adiante. Nada nas Escrituras corrobora esta tese – é verdade que os apóstolos podiam delegar dons, mas não há indício de que eram os únicos a poder fazê-lo. Muito pelo contrário – o livro de Coríntios trata extensamente dos dons carismáticos e de seu funcionamento dizendo inclusive que devemos aspirar aos “melhores dons”, “sobretudo o da profecia” pois “aquele que profetiza, fala aos homens para edificá-los, exortá-los e consolá-los” (1 Cor 12:32 , 14:1 e 14:3).

E assim tem sido. A tradição profética dos evangelistas teve suas raízes nas práticas dos povos hebreus em séculos remotos, sobreviveu ao surgimento do cristianismo como seita judaica separatista nos primeiros séculos depois de Cristo, à separação da Reforma Protestante do século XVI, e, finalmente, às renovações carismáticas sofridas por este em décadas mais recentes. Estas últimas, em verdade, foram decisivas para a consolidação da prática da entrega de profecias e

⁴ Batismo simbólico diferente do batismo da salvação (realizado pela imersão efetiva na água). Costuma ser marcado por uma oração fervorosa por algum membro altamente respeitado pela congregação.

revelações no centro do sistema simbólico do novo pentecostalismo. No entanto, só voltaremos a este ponto bem mais adiante.

Vidência e Previsão na tradição Mística e Esotérica

Se por um lado temos a figura do profeta como o oráculo das grandes tradições religiosas monoteístas, temos, por outro lado, a figura do vidente e do adivinho como oráculo místico de reis e da plebe. Desvinculado de uma tradição religiosa única, o trabalho do vidente tem suas raízes em tempos imemoriais – a começar pelo fato de que a procedência de seus dons e suas práticas é tão diversa que se torna impossível traçá-la. A capacidade de previsão que encontramos nesta figura oracular específica está relacionada a tradições místicas e esotéricas, e um sem fim de influências religiosas diluídas e recombinadas. É interessante notar que as práticas divinatórias não sofreram mudança significativa nestes vários milênios, sendo a astrologia uma das mais remotas de que se tem notícia.

Paul Halpern conta “a história da previsão” em seu livro homônimo⁵. Como relembra o autor, no mundo antigo⁶, os adivinhos, oráculos, videntes e indivíduos em geral que dominavam a mancia tinham lugar de destaque junto à corte e as classes mais elevadas. Gozando de máximo prestígio junto à população, as artes divinatórias, como o sacerdócio, constituíam fundamentalmente o único meio de ascensão social para aqueles mal-nascidos. O vidente ocupava muitas vezes a posição de conselheiro e juiz da corte – baseando-se em nada além de sua suposta habilidade para decidir sobre o futuro dos indivíduos.

O Oráculo de Delfos é um dos mais antigos associados ao mundo clássico⁷. Datando do século VIII a.C., a cidade de Delfos possuía os mais habilidosos clarividentes atraindo visitas de várias partes do mundo. Hoje é amplamente aceita a tese de que a experiência profética era, na verdade, causada pela inalação de um

⁵ Halpern, Paul. 2000. *The Pursuit of Destiny: a History of Prediction*. Cambridge, USA: Perseus.

⁶ A informação é válida para as civilizações historicamente chamadas clássicas (Grécia e Roma) e para os impérios euro-asiáticos durante a Idade Antiga e Média (intervalo compreendido canonicamente pelas disciplinas de História).

⁷ Mundo clássico se refere ao período vivido pelas civilizações clássicas.

gás inebriante que saía da terra. O templo de Delfos cessou suas atividades em 393 d.C.

Nos séculos subseqüentes os videntes não saíram de cena. Pelo contrário – com o surgimento de várias correntes místicas a partir do século V e a herança ocultista da antiguidade, a figura do oráculo atravessou os anos sem grandes danos. Já na Idade Média, ou Idade das Trevas (nome que faz alusão a uma ausência quase completa de prática e reflexão científica surgidas longe do poder opressivo da Igreja) o misticismo fruto do próprio *zeitgeist* da época consolidou em definitivo a crença no destino e no sobrenatural, que são duas forças essenciais para o sistema divinatório. Mais adiante na história, durante a Renascença, surgem figuras como a de Nostradamus, a quem se atribui até hoje habilidades proféticas extraordinárias. Algumas centenas de anos mais tarde, em pleno século XIX, com o advento do que se chama “espiritualismo moderno” (conjunto de crenças em espíritos e entidades invisíveis que culminaria no espiritismo) consolida-se a figura do médium, que também contribuirá em vários sentidos para o estereótipo do vidente moderno. Neste meio tempo surge a figura do vidente de companhias circenses, muito parecida, na verdade, com a que temos hoje. No século XX, finalmente, movimentos como o *New Age* reforçaram e estabeleceram de vez a figura do *psychic* – homens e mulheres que atendem em suas casas, ou em seus escritórios, sanando dúvidas de seus clientes e lhes oferecendo vislumbres do futuro por meio de práticas mágicas.

O vidente da contemporaneidade obtém sua habilidade preditiva de duas maneiras: através de dom inato ou através da prática de exercícios divinatórios. Não existe consenso sobre este ponto: alguns entrevistados me disseram ter nascido com o dom e apurado sua capacidade com exercícios de adivinhação; outros disseram que a prática regular apenas confundia a espontaneidade de sua visão, e que devia ser evitada; outros ainda me disseram que exercícios levam à perfeição, ainda que o indivíduo não tenha uma habilidade congênita.

O dom da visão se manifesta geralmente na infância através de sonhos, visões ou vozes. A utilização de jogos – ou praticamente quaisquer conjunto de objetos cuja manipulação resulte em um posicionamento randômico das peças – serve como catalisador e facilitador da visão. Os métodos mais comuns de leitura do futuro incluem: leitura de cartas de baralho, cartas de tarô, das linhas da mão, de

objetos reflexivos (poças de água, espelhos, bolas de cristal), de números, de pedras, de búzios e da posição dos astros.

Os exercícios divinatórios, por outro lado, são exatamente o que parecem: um conjunto de práticas que devem ser repetidas no intuito de refinar a habilidade de visão do indivíduo. Elas incluem: tentar adivinhar *decks*⁸ de cartas, informações sobre pessoas (data de aniversário, signo, traços da personalidade, eventos de seu passado), quantidade de objetos em um recipiente, etc.

Encerro por aqui o breve histórico sobre a vidência no mundo ocidental. Voltarei a tratar deste tópico em capítulos mais específicos quando se fizer necessário. No entanto, parece necessário esclarecer um ponto antes de prosseguir: a importância de um oráculo não recai sobre sua capacidade – ou incapacidade – de revelar o futuro. Suas previsões são importantes porque, em certo grau, são agentes transformadores de nossas trajetórias. Explico: de maneira consciente ou não, aqueles que buscam previsões e que nelas crêem são guiados pelas mesmas quando confrontados com certas escolhas.

A intenção desta pesquisa é compreender esta relação igualmente rica e delicada dos indivíduos com o futuro, e como ela é mediada por oráculos tais quais os que este trabalho se propõe a analisar. Afinal, somos seres finitos, e temos pressa. “Quando o prazer está em jogo, mais é melhor que menos, antes é melhor que depois. Quando a dor finca os dentes, a equação se inverte: menos e depois é melhor. O aqui-e-agora é senhor da situação” (GIANETTI, 2005, p. 54). O aumento de nosso poder técnico, e de nosso controle crescente sobre a natureza, torna ainda mais doloroso o enfrentamento da morte sob evidente impotência. Desaprendemos a humildade que não é senão mera constatação: estamos sujeitos ao acaso, à imprevisibilidade individual característica de nossa espécie, e aos ciclos e eventos ambientais para os quais nossa presença é indiferente e sobre os quais nossa autorização não é requerida. E é desta aflição que parece surgir nossa procura por um futuro que podemos submeter à nossa vontade. E é por esta razão que, a esta altura, podemos afirmar com alguma certeza que os oráculos – sejam eles religiosos, filosóficos, místicos – ainda ocupam, sim, lugar relevante no cotidiano das pessoas. Afinal, quando indagada sobre o tema de minha pesquisa, sempre faço um

⁸ Termo muito utilizado por jogadores e apostadores e por cartomantes em geral. Refere-se a um conjunto temático de cartas (cartas de baralho, de tarô, etc.)

breve resumo e concludo com o seguinte comentário: “Ora, todas as pessoas têm algum caso interessante para contar sobre uma previsão.” E, invariavelmente, meu interlocutor responde com alguma ótima história.

CAPÍTULO 2: VIDÊNCIA E PROFECIA – DESTINO, PRIVACIDADE E SACRALIDADE

Destino e Livre-Arbítrio

A vidência e a profecia, como já explicado na introdução, podem ser localizadas em um grande conjunto: o universo da previsão. Este capítulo pretende abordar as intersecções e as diferenças entre algumas crenças e práticas-chave em ambos os subconjuntos.

A primeira coisa que é preciso apontar é que o evento da consulta a um vidente ou oráculo de qualquer espécie está inserido em um microcosmo liminar, no sentido imaginado por Turner em *O Processo Ritual* (1974). Para este autor, as entidades liminares, ou seja, as pessoas que estão numa fase de transitoriedade, situam-se em uma difícil posição; estão no meio, e entre os arranjos atribuídos e ordenados pelas normas, costumes, convenções e cerimônias. Assim, a liminaridade está associada à morte, à escuridão, ao estar no útero, à bissexualidade, às regiões selvagens, entre outros símbolos. Isso se dá porque todos esses emblemas estão à parte da estrutura social pré-estabelecida. Num rito, especialmente, os personagens liminares costumam estar nus ou disfarçados de monstros para marcarem esse “estar à margem”, para se diferenciarem daqueles que pertencem à estrutura. O fato é que a consulta é um enfrentamento doloroso: é a oposição entre o desejo do sujeito e o destino do mesmo. E o sujeito se encontra bem no meio destas duas forças.

O rito de consulta a adivinhos não constitui um rito de passagem no sentido clássico, mas se ampliarmos a categoria “passagem”, torna-se apropriado entendê-lo desta forma, afinal o consulente está abandonando o seu antigo *self*, em um estado de ignorância, e tornando-se uma pessoa esclarecida. Cito Eliade quando este trata dos mesmos ritos de iniciação e passagem: “O iniciado não é apenas um ‘recém-nascido’, ou um ‘ressuscitado’: é um homem que *sabe*, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica. (1957, p.153).” O consulente é uma pessoa mais armada para lidar com as intemperanças do caminho do que uma

pessoa que não sabe, que vive ainda na ignorância da descrença no destino, ou de não saber como acessá-lo. Já àquele que sabe, restam duas opções: permitir que o futuro se cumpra, ou tentar evitá-lo.

É interessante perceber que em ambos os universos (vidência e profecia) é falsa a premissa de que a possibilidade de antevisão pressupõe uma história fixa e previamente determinada. Quando se trata de previsão, destino e livre-arbítrio são categorias vaporosas e confusas que podem ser combinadas das maneiras mais improváveis. Explico melhor: a categoria de destino é evidentemente válida – no universo da vidência ele representa a trajetória de nossas vidas determinada por força amorfa e anônima, mesmo antes de nosso nascimento. No universo da profecia, por outro lado, o destino carrega vários nomes: “missão”, “plano divino” ou “caminhos de Deus”. Todas essas categorias traduzem a causa maior que dá sentido à nossa existência; o verdadeiro objetivo de nossas vidas. E essa missão nos foi, invariavelmente, delegada por Deus.

Por outro lado, a categoria “destino” possui um antagonista ideal, fazendo com que a primeira se dissolva – este oposto perfeito é o livre-arbítrio. Em termos efetivos, isso quer dizer que o destino possui um limite passível de negociação e pode ser alterado pelas escolhas do sujeito. Em entrevista, ouvi de um vidente que “podemos contar nos dedos de uma mão as coisas realmente imutáveis em nossa trajetória”. Esta crença me foi confirmada por seus colegas de profissão. A grande incongruência desta dicotomia está no fato de que não nos é possível descobrir com que eventos poderemos ou não negociar. A contradição também está expressa na tradição cristã – a crença exaustivamente repetida por profetas e pastores de que “uma folha sequer pode cair sem a permissão de Deus” entra em conflito direto com as afirmações referentes ao campo de ação humana que se traduz em um simples pensamento: “Tudo lhe é permitido, mas nem tudo lhe convém” (I Cor 10.23) – este, sim, expresso na Bíblia Sagrada. É preciso fazer aqui um exercício simples de retórica e perceber o quanto a idéia de predestinação é inconsistente na doutrina Cristã, visto que a imposição de uma trajetória sobre um sujeito invalida a questão do julgamento e da condenação eternas ao redor dos quais gira o cristianismo. No entanto, o Calvinismo encontrou saídas e respaldo para pregar a doutrina da predestinação. O que posso afirmar com certeza é que me deparei com artigos de vários teólogos pentecostais e neopentecostais e não há qualquer indício de

possível consenso: o livro sagrado é farto em passagens que passam a impressão de liberdade e responsabilidade humanas e farto em passagens que negam qualquer poder de ação e escolha aos mesmos. Esta discussão renderia um trabalho à parte, e não será estendida desnecessariamente. Em capítulos posteriores discutirei mais detalhadamente a crença neopentecostal na predestinação divina e sua inconsistência em seu próprio sistema de crença. O que pretendo destacar aqui é que os universos de vidência e profecia estão, a todo instante, jogando com duas categorias aparentemente opostas de escolha e condenação.

Público e Privado

O universo da previsão possui dois âmbitos, ou dois ambientes de ação: o público e o privado. Essa afirmação a princípio genérica se revelará precisa: a previsão sempre pode ser feita para uma pessoa diante de um pequeno público (a uma pessoa selecionada no mesmo) ou em um lugar reservado onde encontraremos apenas o consulente, o mediador (vidente) e, possivelmente, um acompanhante ou testemunha.

Quando se trata da vidência, o mais comum é que as sessões se dêem em um ambiente controlado. Elas geralmente acontecem em um quarto reservado da casa, ou até mesmo em uma área externa, e costumam ser atendidas apenas pelo cliente e pelo vidente – embora não seja incomum que o cliente esteja acompanhado de um amigo ou parente. Por outro lado, no domínio do público, videntes costumam exercitar seu dom fazendo previsões e revelações para pessoas em sessões que possuem todas as características de espetáculo: em shows televisivos, programas de paranormalidade e feiras esotéricas. Nesses casos, que possuem o objetivo claro de impressionar o espectador, o vidente escolhe pessoas de uma platéia e lhes diz algumas coisas sobre seu passado, seus costumes e, é claro, sobre o seu futuro.

No meio neopentecostal, sessões públicas e privadas encontram um equilíbrio. As revelações têm um caráter público quando são feitas durante um culto

– podem ser feitas por pastores ou profetas – ou durante uma roda de oração, geralmente na casa de um dos membros da igreja. Por outro lado, se o problema do consulente for especialmente grave, ou se este deseja privacidade por algum outro motivo, as orações seguidas de revelações podem se dar apenas entre o interessado e o mediador⁹ na casa de um dos dois ou em algum lugar isolado (geralmente em um cenário bucólico).

A natureza das questões a serem debatidas geralmente é o fator determinante para a escolha do consulente: ele dificilmente se colocará numa posição de exposição quando possui uma questão especialmente delicada. É preciso apontar que ao mediador cabe a tarefa difícil de exercitar sua sensibilidade ao escolher o que e como expor aquele que o procura. Tratarei deste exercício no capítulo seguinte.

O Sagrado e o Profano

Assim como as díades destino/ livre-arbítrio e público/ privado, há ainda uma terceira oposição que talvez seja a mais importante para o conjunto deste trabalho: o binômio sagrado/ profano. Este último permeia cada um dos aspectos contidos no universo da previsão, e ambas as categorias serão explicadas a seguir.

Na clássica obra *O Sagrado e o Profano*, Eliade trata já na introdução de uma questão essencial quando se trata de previsão, e a questão é justamente a oposição que dá nome ao livro:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se *manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber que *algo de sagrado se nos revela*. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é construída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania

⁹ Mediador se refere a oráculos em geral já que fazem a conexão entre o mundo do sagrado e do profano, ou entre mundano e sobrenatural.

suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1957, p. 17).

O sagrado é completamente distinto do profano, e é essa a melhor descrição que se pode dar dele. O profano, no entanto, não cabe como sinônimo do obscuro, do sujo, do ruim. O profano, para Eliade, nada mais é do que o conjunto das coisas que não são sagradas. O sagrado é o sobrenatural, o divino, o mágico; o profano é o mundano e o comum.

O desejo do homem religioso é viver cada vez mais perto do divino, ou seja, da *realidade* – o sagrado é a verdade para ele; o profano é apenas transição. Seu maior temor é viver no caos – é que lhe seja negado a cosmologia da religião; ou seja, o conjunto de relações causais e conseqüenciais que dão sentido ao universo. O autor se refere a essa tentativa de estar perto do divino de “nostalgia do paraíso”, ou, em termos mais abrangentes, “nostalgia das origens”.

Há sempre um tempo remoto, mítico e não-localizável na história, onde seres humanos e seres divinos conviviam em um lugar também divino. O autor diz: “Um psicólogo moderno seria tentado a decifrar num tal comportamento a angústia diante do risco da novidade, a recusa a assumir responsabilidade de uma existência autêntica e histórica, a nostalgia de uma situação ‘paradisíaca’ (...)” (ELIADE, 1957, p. 82). O homem religioso não assume jamais responsabilidade completa por sua história – aliás, em termos filosóficos, ele é o oposto exato de um existencialista. A crença no destino – ainda que não em termos estritamente rígidos – é a negação da responsabilidade.

O tempo é uma dimensão em que sagrado e profano estão particularmente nítidos. O tempo divino é necessariamente distinto do dos homens, e isso é expresso na máxima cristã de que “o tempo de Deus não é o nosso”. A idéia tem validade universal – primeiro porque a maioria dos deuses pode manipular o tempo, e segundo porque na ausência da morte e do envelhecimento, a temporalidade simplesmente não faz sentido, ou pelo menos torna muito diferente a percepção do tempo, e para os seres divinos, não existe morte, exceto a simbólica e revogável... A previsão brinca com a percepção do tempo e ignora nossas limitações humanas; “ao imitar os deuses o homem mantém-se no sagrado e, conseqüentemente, na

realidade” (ELIADE, 1957, p.88). A busca pela antevisão do futuro não deixa de ser um movimento em direção ao sagrado e ao divino – uma maneira de “imitar os deuses”, e de estar mais perto deles.

O sagrado não se faz presente apenas na questão do tempo, mas também na do espaço. A previsão não acontece em qualquer lugar – ela se dá em lugares estritamente apropriados, como falei brevemente na seção sobre público e privado. O habitual é que as revelações sejam entregues no ambiente sagrado da igreja, em lugares isolados na natureza (a natureza é sagrada *a priori* para o homem religioso), ou na casa de um dos membros da igreja. E no caso da vidência, o lugar onde se faz a leitura¹⁰ também é o mais sacralizado possível, sempre repleto de imagens de deuses e santos, incensos, simpatias, etc. Em campo, um vidente disse que se recusaria a fazer a leitura de minha sorte caso não encontrasse um incenso para acender – episódio extremamente ilustrativo para mim, pois mostra o quanto a “pureza” do ambiente é essencial para o bom funcionamento do rito na visão do próprio realizador. De qualquer modo, a previsão se dá sempre em um espaço sagrado já que mesmo quando na casa do previsor ou do consulente obedece a regra de ouro. A própria casa é, talvez, o ambiente mais sagrado que pode haver para o homem religioso que:

(...) vive num cosmos “aberto” e que está “aberto” ao Mundo. Isso quer dizer: a) que está em comunicação com os deuses; b) que participa da santidade do Mundo. Que o homem religioso só consegue viver no mundo “aberto”, tivemos ocasião de constatar ao analisar a estrutura do espaço sagrado: o homem deseja situar-se no “centro”, lá onde existe a possibilidade de comunicação com os deuses. Sua habitação é um microcosmos, e também seu corpo. A correspondência corpo-casa-cosmos impõe-se desde muito cedo. (ELIADE, p.141).

Talvez por isso as consultas mais delicadas e pessoais se dêem, justamente, no ambiente de residência do consulente.

¹⁰ Leitura refere-se ao ato de “ler” ou “tirar” a sorte de uma pessoa. É a categoria usada pelos próprios videntes.

Universos em Diálogo

Passo agora a uma última reflexão referente ao universo da vidência e da profecia – a visão de um sobre o outro. Acho essa comparação relevante já que traz à tona algumas idéias correntes nos meios, alguns preconceitos e revela também se, e o quanto, ambos se reconhecem como parte de uma cosmologia similar.

Começarei pela impressão de alguns videntes acerca dos profetas evangélicos. Para os primeiros, a profecia pode ser legítima, e as explicações que me deram foram muitas e de vários tipos. Diego¹¹, vidente de aproximadamente 30 anos que atende no Plano Piloto, me revelou em entrevista que a vidência é fenômeno tão comum para os evangélicos quanto em qualquer outro meio. Eu indaguei sobre a discrepância entre as visões e as experiências do adivinho em diversos universos e sua resposta foi surpreendentemente “antropológica”: “Cada vidente recebe as revelações através de um filtro; e este filtro é o sistema simbólico no qual crê.”, me disse. O que ele quis argumentar foi que a experiência é a mesma, mas cada um a experimenta de acordo com seu *background* místico e espiritual. “Se sou cristão”, continuou, “verei anjos, e ouvirei a voz de Deus. Se sou um índio, talvez veja espíritos da floresta. Se sou umbandista, falarei com orixás. Etc., etc.” Por outro lado, Marcelo, vidente bem mais velho e que atende a poucos quilômetros de Diego, me deu uma resposta muito diferente. Para ele, vidência é dom raro, em qualquer meio, e o que acontece na verdade é o “fenômeno do auto-engano”, quando não “da pura charlatanice”. Ele também me confessou ter clientes evangélicos que chegam até ele “cheios de vergonha”. E como é que você lida com eles?, perguntei. “Ora, não dá pra dizer que esse ou aquele espírito, esse ou aquele orixá estão agindo na vida deles. Vão me dizer que são demônios. Então procuro usar a Bíblia. Os oriento através de passagens e Salmos que lhes são mais comuns”. Em outra ocasião, ele me contou uma história. Disse que tinha uma cliente evangélica que tinha o dom da visão. Ela sempre ia lá e via uma entidade perto dele. Ficava assustada. Dizia-lhe que estava assustada porque “não era um anjo; mas também não era o “inimigo”¹²”.

¹¹ Nenhum dos nomes pessoais aqui referidos são verdadeiros. Preservei o nome real das instituições porque não acho que prejudique o anonimato dos entrevistados.

¹² Termo comum no meio neopentecostal. Designa o diabo.

O que acho mais importante nestes dois relatos é perceber como os dois entrevistados demonstraram uma noção – mais ou menos apurada – de estarem lidando com sistemas simbólicos distintos dos seus, e tentaram respeitar essa diferença aproximando a experiência do consultante daquilo que faz sentido para ele, e que faz parte do sagrado de seu “cotidiano”.

No universo evangélico, a situação é bastante distinta. Como apontado pelo antropólogo Jungblut (1992), as denominações neopentecostais (e a Igreja Universal do Reino de Deus, em especial) centram seu discurso no combate ao Diabo e seus seguidores, entre os quais estão todas as religiões mediúnicas (das quais todos os videntes por mim entrevistados retiram práticas e elementos). Este *modus operandi* é o que alguns pesquisadores chamam Teologia do Domínio, e caracteriza o que há de mais hostil nesta onda carismática do pentecostalismo – o combate ideológico violento a outras religiões e a modos de vida distintos daqueles defendidos pela igreja, o que muito raramente se traduz em um ato de violência física, mas que torna clara a intolerância pregada pela corrente evangélica.

Conversei com alguns neopentecostais sobre vidência e cartomancia, e suas declarações deixaram clara uma postura quase uniforme das igrejas de inimizar os seus praticantes, seja por acusações de charlatanismo ou de feitiçaria. Um dos pastores com quem conversei, pregador da Igreja do Monte, me disse que videntes são “seguidores conscientes ou inconscientes do diabo”, e me mostrou algumas passagens bíblicas dentre as quais a seguinte:

Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti. (Deuterenômio 18:9-13)

Este pastor também disse ter “recuperado” muitos destes “bruxos”. Indaguei sobre a diferença entre a vidência e revelações que ocorrem com aval da igreja, ao que ele me respondeu exaltado: “Isso aqui não é vidência. Não é feitiçaria. São profecias – é o dom de Deus”.

Dona Maria, profetiza membro da Igreja Universal do Reino de Deus, me disse que videntes “são falsários enganadores. Eles tiram dinheiro de pessoas confusas, que não conhecem o amor de Deus”. Alguns deles, me disse, no entanto, “são feiticeiros mesmo”. Tentei entrar em contato com um dos pastores de sua igreja, mas a política oficial da Universal, há mais de duas décadas, é a de não permitir que suas lideranças dêem entrevistas, nem para jornalistas e nem para pesquisadores. Gostaria de indagar sobre estas acusações que dona Maria dirigiu aos videntes – acusações de “enganação”, de “tirar de quem não tem” através de atos de fé mal intencionados. Este discurso é repetido em sua igreja, na mesma igreja que possui um histórico de más práticas religiosas que incluem vídeos vergonhosos da má-fé de seu fundador, como bem lembra Ricardo Mariano em seu brilhante estudo sociológico sobre o movimento do novo pentecostalismo no Brasil (1999).

Durante a pesquisa, também me deparei com alguns artigos escritos por teólogos condenando práticas de adivinhação e vidência, e alguns, inclusive, questionando o movimento de profecias nas igrejas neopentecostais. Estes artigos, no entanto, não foram escritos por pastores deste movimento, e sim por pastores de denominações tradicionais e de igrejas não renovadas.

Finalmente, é bastante clara a diferença de ideologia e prática entre o universo da vidência e do neopentostalismo, e, ao que tudo indica, há sim explicações consistentes para algumas destas distinções. No entanto, outros pontos precisarão ser introduzidos na discussão antes que se possa voltar a debatê-los. No capítulo seguinte, tratarei dos atores envolvidos no ritual de consulta e voltarei a alguns tópicos já discutidos no intuito de esclarecê-los.

CAPÍTULO 3: PREVISORES E CONSULENTES – OS ATORES DE UM RITUAL DE CONSULTA

O Previsor

O ritual de consulta a um oráculo envolve necessariamente três atores, ao contrário do que se pode imaginar: o previsor – que tornará conhecidas as revelações e profecias; o consulente – que procurou o ritual em busca de respostas e direcionamento; e, finalmente, a força ou entidade sobrenatural –que revelará ao previsor suas intenções para com a vida do consultante.

Em um ritual desta natureza, o diálogo, simbolicamente, é entre consulente e entidade, e o previsor nada mais é que um mediador que transmite a mensagem de um para o outro – e neste primeiro momento, não estou me referindo a profetas ou videntes especificamente, mas a uma classe inteira de oráculos, adivinhos, ou qualquer que seja a denominação a qual pertencem ambos.

A figura clássica do previsor segundo *O Livro das Religiões* (JOSTEIN, 2000, p.103) é a do indivíduo capaz de interpretar as mensagens vindas do mundo sobrenatural (no âmbito do *sagrado*, e do *real*), de aconselhar os outros sobre o que fazer em determinadas situações e, por fim, de instruir os homens sobre como negociar com os deuses. A tríade se reproduz em quaisquer sistemas de crença: interpretar, aconselhar e ensinar práticas de negociação. Veremos como isto se aplica efetivamente mais adiante.

O previsor não tem interesse em permitir que o consulente desenvolva qualquer tipo de senso de autonomia sobre suas escolhas – pelo contrário, como defende Adorno “o objetivo parece ser submetê-los cada vez mais a uma situação de tutelados, de pessoas infantilizadas que esperam o conselho do seu preceptor para tudo que têm que fazer em suas vidas” (ADORNO, 1952-3, p.20). As estratégias utilizadas para tornar real tal sensação são as mais variadas possíveis, entre elas, está a de passar a impressão de que o consulente está sempre ameaçado, ou em perigo, pois afinal, ele “só precisa de ajuda se estiver presente algum elemento aterrador” (p.66).

No entanto, não é qualquer tipo de ameaça que interessa ao previsor revelar ao seu cliente – é preciso que o perigo seja grave em algum nível, mas que não desespere o consulente obstruindo seu “bom senso”. O que quero dizer com isso é que o previsor tem, para com as atitudes do cliente, um senso inegável de responsabilidade. O vidente Marcelo, por exemplo, me contou de um caso de suicídio motivado por uma consulta realizada minutos antes em uma feira mística no shopping Pátio Brasil. Ele me explicou da necessidade de sensibilidade que qualquer profissional que trabalhe com o futuro tem que ter – “de nada adianta”, me disse, “o dom da visão se não tiver um pinga de sensibilidade”. Diego também me revelou essa preocupação, e confessou omitir “parte das coisas” que vê, quando se preocupa com o que o cliente pode fazer com aquela informação. Ele me contou: “O cara vem aqui e me pergunta se a mulher está lhe traindo. Eu confirmo. Ele sai daqui e mata a mulher. Eu posso ser responsabilizado! Eu posso ser *legalmente* responsabilizado.” É como o caso ocorrido na Rússia em meados de 2010¹³: um homem foi consultar uma vidente e esta lhe disse que ele iria para a cadeia. Atordoado pelos anos que já havia cumprido na prisão e enfurecido pela possibilidade de voltar, o homem agrediu a vidente. Acabou preso por tentativa de homicídio.

O fato é que o bom previsor é aquele que consegue equilibrar e convencer a partir das categorias completamente incompatíveis com que trabalha, como destino e escolha, e como dependência e assertividade. Dependência, é preciso dizer, é a palavra-chave aqui: um consulente que indaga sobre uma questão, escuta respostas e aconselhamento e vai embora, não é de nenhuma utilidade. O objetivo do previsor é o de criar um senso de dependência de modo a transformar o consultante em um cliente regular, que o procure sobre a maior parte dos aspectos de sua vida.

Tendo explicitado algumas características mais genéricas sobre o previsor, passo ao segundo ator deste ritual: o consulente. Mais adiante, farei uma análise de videntes e profetas separadamente, dando ênfase às características próprias de cada um dos dois universos.

¹³ A notícia pode ser lida em: <http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/inacreditavel/2010/08/11/255963-russo-foi-presos-por-tentar-matar-vidente-que-disse-que-ia-para-cadeia>

O Consulente

O consulente é uma pessoa sujeita a uma série de angústias (ADORNO, 1952-3) – relacionamentos fracassados, problemas financeiros, doenças e questões de saúde. É este sentimento constante de aflição que o impele a procurar auxílio e aconselhamento – e o mundo parece um lugar cada vez mais propício a criar e cultivar esta sensação de fraqueza nas pessoas.

O consulente trás em si sentimentos mistos – a impotência que sente é sufocada pela crença de que o universo tem um propósito para sua vida; a crença no fatalismo e no determinismo de sua situação (seja ela qual for) está em conflito com seu desejo de tomar as rédeas e agir sobre a escolha de seus caminhos. O consulente é, fatalmente, antropocêntrico – ele acredita que a vida humana é dotada de importância e valor especiais, e se recusa a dar crédito à possibilidade de que a vida e a consciência sejam apenas fruto de uma coincidência evolutiva. O mundo, os deuses, a força criadora amorfa que rege o universo são os responsáveis diretos por sua existência e por sua história, e é evidente para ele que não lhe dariam o dom da vida se não escondessem por trás deste ato simbólico um propósito maior.

Adorno diz:

[...] O que leva as pessoas aos diversos profetas do engodo não é apenas seu sentido de dependência, mas seu desejo de atribuir essa dependência a fontes “superiores” e, em última instância, mais justificáveis, mas também seu desejo de não ter de tomar as coisas em suas próprias mãos – um desejo, decerto que é engendrado pela pressão sob a qual elas vivem. (1952-3, p.176)

O mundo moderno é um lugar hostil e regido, aparentemente, pelas forças do caos. No entanto, como disse Eliade, o homem religioso tem pavor do caos, e ele procurará sempre estar perto daquilo que lhe dá a sensação acolhedora de viver em um cosmo.

A Figura do Profeta

Tratarei a seguir da figura do previsor no meio neopentecostal – aquele que venho chamando de profeta. Geralmente as pessoas se referem àqueles com o dom da revelação simplesmente como “dona Maria” ou “irmã Maria”, “irmão José”, etc. Eventualmente, no entanto, usam o termo “profeta” ou “profetiza”, como se fosse um título – como se faz uso do título de bispo, ou ministro, ou pastor. Algumas igrejas como a Igreja Universal, a Igreja do Monte, a Renascer, e outras praticantes do neopentecostalismo mais recente e incisivo, no entanto, fazem uso cotidiano do termo.

As pessoas que possuem o dom da profecia são, em sua maioria, mulheres. Elas costumam ser de classe média-baixa para baixa, e também costumam ser pessoas de meia-idade – por volta dos 40 ou 50 anos –, costumam ter aparência bastante envelhecida. Quando um homem é possuidor deste carisma, ele, na maioria das vezes, é também pastor de alguma congregação. Há, no entanto, um movimento dentro das igrejas onde parecem estar surgindo mais profetas homens, e também previsores mais jovens.

A reputação de um profeta se constrói à medida que crescem seus “acertos”. Pelo menos, foi este o termo utilizado por um membro da Igreja do Monte ao relatar uma visita a uma senhora que “tinha fama de acertar muito”. Interessante perceber aqui como o discurso se aproxima do que ouvi de consulentes de videntes. O oráculo, ou adivinho, possui uma função clara, e seus acertos são a única evidência de sua eficiência. Parece-me impossível, portanto, deixar passar despercebida a noção de eficácia implicada neste pensamento.

Com a reputação ascendente, os profetas começam a ser convidados à casa dos membros da igreja, onde costumam realizar orações pelos mesmos, e em geral para mais alguns convidados, onde os abençoam e entregam revelações e promessas de Deus para suas vidas. Também realizam orações particulares, onde a intimidade com o consultante e seus problemas é edificada.

O profeta típico – mulher, de idade avançada e poucos recursos – costuma viver de pequenos serviços domésticos, ajuda da família e aposentadoria, em alguns casos mais raros. Não cobram pelas orações e revelações que fazem, mas são

sempre recompensadas com todo tipo de ajuda por parte dos consulentes – comida, dinheiro, móveis, etc. O presente dado ao profeta é uma regra institucionalizada, mas que é negada por todos os evangélicos com que conversei. De fato, não há obrigatoriedade em recompensar o previsor, mas é, segundo as entrevistas, “de bom tom”, “o certo a fazer”. Ninguém sabe exatamente como se institucionalizou tal regra de comportamento, no entanto, ela faz sentido já que os profetas e profetizas contemporâneos emulam, na verdade, os profetas bíblicos, de onde, inclusive retiraram o seu título. Também na bíblia os profetas são sempre premiados com toda sorte de recompensas.

Já em se tratando de previsores homens, como já adiantei, a maioria são pastores de alguma igreja, e raríssimas exceções são apenas membros – embora estes poucos geralmente se enquadrem numa situação de vida semelhante ao das profetizas em relação à renda, trabalho, idade, etc.

Tratarei, por fim, do desenvolvimento do dom da revelação segundo os profetas com quem conversei. Alguns deles me relataram receber o dom após o batismo no Espírito Santo, que é, de alguma forma, a regularidade no sistema de crença neopentecostal. Este batismo não é o simbólico de imersão nas águas, mas uma experiência de transcendência e comunhão com Deus que traz à tona os dons carismáticos. No entanto, outras pessoas disseram que já manifestavam a visão desde a infância através de sonhos, ou que já viam anjos e demônios desde pequenos. Cito aqui o Livro das Religiões (2000 p. 223):

[...] esse é um traço distintivo do pentecostalismo – é o batismo no Espírito Santo, isto é, a experiência da profusão e do poder do Espírito Santo, como a que os discípulos tiveram em Pentecostes (Atos 2). Os que foram batizados no Espírito Santo geralmente descobrem que têm um ou mais dons do Espírito Santo (carismas), por exemplo, a glossolalia, ou o dom de falar línguas estranhas, o de profetizar, o dom da cura.

Os relatos, então, indicam para um dom de visão que dá indícios de sua existência na infância, mas que só se realiza por completo com a experiência do batismo no Espírito Santo.

O profeta é uma pessoa acolhedora e, de alguma forma, pedante – crê estar mais próximo de Deus que o resto das pessoas, o que lhe confere igual autoridade e

arrogância. Costuma aconselhar usando o imperativo, porque quando fala, está falando não apenas em nome, mas como a própria divindade.

Os profetas costumam criar um vínculo praticamente perpétuo com seus frequentadores uma vez que a cada oração identificam macumbas, demônios e maldições na vida dos cristãos que requerem outros encontros e novas orações para serem expurgados. A prática não é novidade e é bastante similar a utilizada por outros tipos de oráculos e videntes.

O Consulente Evangélico

O consulente evangélico é membro de uma igreja de doutrina neopentecostal, mas não necessariamente da mesma instituição frequentada pelos profetas que consulta. Ele pode ser encontrado em todas as classes econômicas, faixas de idade e sexo; mas o mais comum é que se trate de um adulto em idade intermediária – entre trinta e cinquenta anos.

Se o protestantismo veio, acima de tudo, para tornar obsoleta a figura do mediador entre o cristão e seu Senhor, então devo dizer que o novo pentecostalismo representa um grande retrocesso neste aspecto. Afinal, a convivência com os membros destas igrejas revelou que eles têm plena consciência de que estão usando o profeta como mediador de suas demandas. Quando indaguei o motivo, a resposta que me foi dada foi sempre a de que o profeta levava uma vida de maior sacralidade que a sua própria, e por essa razão estavam em melhores condições de apelar a Deus.

Quando os consulentes são mais jovens, não é incomum que peçam ao profeta que ore pedindo a Deus conselhos sobre amor e emprego. O consulente mais maduro, no entanto, pede aconselhamento sobre como melhorar sua condição de vida, a educação de seus filhos, aumento de salário, aquisição de automóveis e imóveis, questões de saúde, questões familiares, etc. Como se pode ver, nada muito diferente do que atormenta o indivíduo que busca um vidente.

Dentre as coisas que o consulente pode fazer para tornar mais válida sua barganha com a divindade estão o jejum, o dízimo, vigílias, ou simplesmente o

evitamento de algo que lhe seja prazeroso – uma espécie de tabu auto-imposto. O consulente é levado a pensar que tudo aquilo de que se priva lhe será devolvido em maior quantidade e melhor qualidade.

Bem como os profetas, parece que podemos encontrar consulentes cada vez mais jovens. Os problemas afetivos, como já indiquei, são a principal queixa nesta faixa etária formada por pré-adolescentes¹⁴ e adolescentes, e estes são incentivados a procurar parceiros dentro das próprias igrejas. Uma vez que encontram um(a) namorado(a), é prática comum que um profeta ore pelo novo casal, não só para abençoá-los, mas, principalmente, para saber se aquela união é mesmo a vontade de Deus.

Não tive a oportunidade de verificar pessoalmente o fato a seguir, mas ouvi várias vezes em campo, dos próprios profetas, que muitos políticos costumam visitá-los em busca de interseção e aconselhamento. Acho provável visto o episódio lamentável que ficou conhecido como “a oração da propina” durante o escândalo do “mensalão do DEM” protagonizado, entre outros, pelo então deputado Junior Brunelli. Apesar de não ter encontrado figuras da política, conheci, de fato, alguns empresários e pessoas de classe alta que pedem aconselhamento regular aos profetas de diversas igrejas, e que são muitíssimos generosos com os mesmos.

O consulente regular conhece dezenas de profetas – tanto os de sua congregação como aqueles que são convidados à sua igreja a partir do intercâmbio cada vez mais comum de membros entre as denominações neopentecostais. No entanto, ele costuma alimentar uma relação de intimidade e de dependência com apenas um ou dois previsores – aqueles que optará por consultar quando tiver problemas privados demais para levar para a igreja ou para uma roda de oração.

A figura do vidente

O oráculo no meio da vidência é bastante distinto do evangélico. Seu sistema de crenças é infinitamente sincrético e complexo, e a quantidade de referências encontradas em seu ambiente de “leitura do futuro” também é surpreendente.

¹⁴ Refiro-me aqui a pessoas bem jovens, entre 11 e 14 anos.

Não há um padrão para pessoas que praticam esse tipo de leitura – novamente, a maioria é de mulheres de idade mais avançada, mas há uma quantidade significativa de homens e de jovens. As classes sociais é que mais diferem em relação aos neopentecostais – me deparei com videntes paupérrimos, e outros de classe média altíssima.

É interessante notar que os videntes não possuem um termo de auto-referência. Eles são conhecidos por seus nomes próprios, ou pelo prenome “dona”, “vovó”, “mãe”, “pai”, “professor(a)”, etc. Só muito raramente se auto-promovem como “videntes”.

A formação de um vidente pode tender mais ao candomblé, à Wicca¹⁵, ou a uma corrente mais independente – aparentemente desligada de um sistema religioso, e mais inclinada a um sistema simbólico místico-astrológico. De qualquer modo, nenhum deles se limita à apenas um conjunto de crenças – deuses, semideuses, orixás, espíritos e santos fazem parte de seu discurso sem o menor constrangimento de conviverem entre si.

Há controvérsia entre os entrevistados sobre a necessidade do dom de vidência para a leitura de cartas. Alguns me disseram que qualquer pessoa treinada pode fazê-lo; outros, que apenas os dotados do dom da visão. O método de leitura também varia – por exemplo, videntes que acreditam na prática como guia da eficiência leem o jogo a partir da simbologia pré-estabelecida das cartas. Aqueles que acreditam no dom como guia vão tirando as cartas e recebem o significado delas de alguma força ou espírito, de modo que uma carta raramente terá o mesmo significado para consulentes diferentes.

Os poderes dos videntes – quando estes o possuem, o que não é sempre requisito – têm origem na infância de maneira quase invariável. Tive relatos de pessoas que viam o futuro em superfícies espelhadas como poças d’água e espelhos. Outras viam mapas astrais no lugar de onde estaria o rosto das pessoas. Enquanto outros simplesmente ouviam vozes em alerta lhes passando alguma informação. Com a chegada da idade adulta, estes poderes tendem a se tornam menos inconvenientes, se manifestando apenas ocasionalmente ou quando solicitados.

¹⁵ Religião neopagã baseada em crenças pré-cristãs que sofreu importante reavivamento nas duas décadas passadas.

O vidente se mostra sempre uma pessoa confiante e positiva. Ele pode tornar-se bastante sombrio – e quase ameaçador – quando se põe a tratar de assuntos delicados. No entanto, é a convicção com que fala das coisas que lhe assegura o domínio da situação – o cliente não pode jamais perceber hesitação e medo em seu tutor, ele precisa saber que há, em algum lugar, solução para os seus problemas, e que aquela pessoa que lhe fala pode acessá-las.

Assim como os profetas, a reputação de um vidente é seu maior chamariz. Muito mais que através da publicidade barata típica dessa classe de adivinhos (panfletos, propagandas em postes, outdoors) o “boca a boca” é o que lhe garante mais clientes. E como é construída essa reputação? Simples: por seus acertos. Por sua eficiência. A clientela, deslumbrada por seus poderes, é sua melhor “carta”, e é dela que tratarei a seguir.

O consulente

A pessoa que frequenta e consulta videntes é tipicamente de classe média, embora pessoas de outras classes também o façam de modo menos expressivo. Novamente, estas pessoas costumam ser do sexo feminino e de meia idade. A média de idade é ligeiramente superior a dos evangélicos.

O consulente deste universo costuma conhecer vários videntes, mas eventualmente decidirá por apenas um com quem construirá uma relação de confiança. É como se o vidente fosse um médico que já conhecesse todo o seu histórico, e por segurança e comodidade é mais prático continuar com ele do que se aventurar com outros profissionais.

Os temas sobre os quais as pessoas buscam aconselhamento são absolutamente os mesmos que no meio evangélico: amor, saúde e dinheiro. E aqui também há um campo de negociação com as entidades sobrenaturais onde o cliente tem que obedecer certos tabus e fazer certas simpatias para alcançar um propósito determinado – oferendas de comida, de dinheiro, trabalhos de feitiçaria, queima de velas, etc., são algumas das práticas mais recorrentes.

O cliente leva muito a sério o que é dito por seu vidente – além do preço da consulta, costuma pagar por fora quantias em dinheiro para a realização de quebras de maldição, amarrações para o amor, e toda sorte de feitiços para a obtenção de dinheiro (novamente, parece obedecer de forma camuflada a idéia de que o investimento lhe será retornado com juros).

Como em todos os outros casos, o consulente é um indivíduo fragilizado por toda sorte de dificuldades e que está procurando efetivamente alguém que lhe dê instruções precisas sobre o que fazer com sua vida. Ele é, como diz Adorno, uma pessoa excepcionalmente crédula e dependente, e o “bom” oráculo, saberá explorar bem estas características.

CAPÍTULO 4 - A EXPERIÊNCIA

A experiência religiosa é provavelmente a experiência humana mais difícil de ser analisada e descrita por um pesquisador. Eu não poderia explicar o dilema de modo mais completo e sensível do que os autores de *O Livro das Religiões* no trecho a seguir:

O pesquisador investiga de uma perspectiva externa todas as religiões, buscando semelhanças e diferenças, e tenta descrever o que vê. A descrição dele nem sempre é plena e exaustiva, se comparada aos sentimentos de um crente acerca de sua religião. É como acontece com a música. Um especialista em teoria musical pode explicar de que maneira uma composição foi construída, e descrever suas tonalidades e seus instrumentos, mas jamais conseguirá recriar a experiência que a música transmite. (2000, p. 15)

São tantos os aspectos, categorias e emoções envolvidas em uma sessão de consulta ou uma oração – tanto no meio evangélico quanto no meio místico-esotérico da vidência – que não posso senão me escusar desde este momento pela limitação inevitável deste capítulo. Também explico desde agora que não trabalharei com seções separadas para profetas e videntes como fiz até aqui, mas trabalharei as duas perspectivas numa mesma seção no intuito de realizar uma comparação mais direta das práticas.

Linguagem e mediação

Logo de início, é preciso esclarecer que a experiência mística e religiosa envolve a utilização de poderes, a interação com entes invisíveis e a visão e audição de aparições e vozes que não podem ser colocados sob experimentação a fim de confirmar ou rejeitar sua existência. Willian James, em sua obra *The Varieties of Religious Experience* trás à tona justamente esse debate, e vai ainda mais longe: se deixarmos a experiência relatada por essas pessoas e retirarmos o seu respaldo religioso, teremos que tratar tais vivências como casos patológicos. A religião *per se* é uma experiência tão estupefante que a ciência assume a possibilidade de um crente participar de episódios deste gênero sem inferir que o indivíduo sofra

necessariamente de algum tipo de delírio isolado ou crônico. Aliás, o autor diz ainda que todos nós – ainda que céticos e não religiosos – teremos uma experiência religiosa eventualmente.

A experiência religiosa é, para o autor, a sensação de estar sujeito a forças imponderáveis; conectado a uma rede de causalidade infinita – mas tudo isso em um momento muito específico, como que atingidos de uma só vez por este pensamento, e em um momento muito particular que, por alguns segundos, é igualmente poderoso e aterrorizante. Em seu livro, há vários depoimentos de sentimentos deste tipo, muitos deles vivenciados por ateus. A tese defendida por James é de que, na verdade, crentes e descrentes estão sujeitos a tais experimentações – a diferença é a explicação demandada e fornecida pelos primeiros em oposição à aceitação dos segundos. Os descrentes não vêm no sentimento em questão nenhuma relação certa e inquestionável com a existência de um mundo além do natural e do profano, mas sim um estado mental que nos é típico como espécie.

Um ponto fundamental que esperei para tratar neste capítulo é a linguagem e o discurso envolvidos neste tipo de ritual. Adiei este tópico até aqui porque, como magistralmente observado por Webb Keane (1997), a “linguagem é o único meio pelo qual a presença e a atividade que de outro modo estariam indisponíveis aos sentidos podem ser pressupostos de modo que ficam disponíveis tanto publicamente quanto subjetivamente para as pessoas que são membros dos grupos sociais” (p.49). Esta observação pode parecer evidente, mas a verdade é que demandou extrema sensibilidade: o único modo de sabermos que há uma entidade sobrenatural se manifestando é através da linguagem do mediador. O autor também atenta para as negociações de significado que ocorrem durante os ritos de divinação. Outro ponto fundamental levantado e tratado brevemente por mim em capítulos anteriores é o fato de que a linguagem religiosa inspirada ou conduzida por entidades sobrenaturais tanto dá autoridade ao oráculo quanto o exime de se responsabilizar pelo que é dito. Essa oposição é melhor traduzida pelo ato de mediação do qual falei brevemente. A mediação é um ponto convergente nos dois universos – de um lado temos as divindades cristãs (Deus, Jesus, Espírito Santo) falando através de um profeta ou profetiza e revelando parte de seus propósitos para nossas vidas; de outro lado, temos espíritos e entidades diversas e nem

sempre identificáveis falando através do vidente e de seu instrumento de escolha (tarô, búzios, pedras, etc.).

O fenômeno da mediação dá origem a duas possibilidades práticas na hora da previsão: a fala em primeira ou terceira pessoa. Explico: um profeta pode tanto dizer “Deus tem planos magníficos para sua vida” quanto “Eu tenho planos magníficos para sua vida”. Uma terceira alternativa ainda é possível – a fala em primeira pessoa acompanhada de uma explicação e validação de quem fala, por exemplo: “Eu, o Senhor dos Exércitos, tenho planos magníficos para sua vida.” Na vidência também há uma quantidade de possibilidades: “o Tarô me diz”, “o orixá te diz”, “eu vejo”. A diferença aqui reside no fato de o vidente, quando diz que vê, refere-se a si próprio vendo algo revelado por outro, e o profeta quando diz que tem planos para a vida de alguém diz personificando a própria divindade – neste momento, ele não só fala em nome de Deus como é Deus. É como um simulacro de incorporação – só não é uma incorporação propriamente dita porque os profetas rejeitam a categoria. A compreensão que eles têm deles mesmos desvia para a categoria de instrumento mais que de receptáculo. Eles são, segundo eles próprios, “instrumentos para que a voz de Deus possa ser ouvida neste mundo”.

Recursos, Linguagem e Discurso

Chegamos então em um momento crucial da explanação: mas qual é, afinal, “o discurso de Deus” para estes milhões de crentes? Reproduzo a seguir trechos de orações que se desenvolveram em revelações. Todas foram retiradas de cultos disponibilizados em vídeo pela internet. Escolhi a transcrição destes vídeos porque posso trazer uma reprodução fiel do que é dito, ao contrário do meu próprio campo onde coletei apenas trechos escritos e gravações de áudio em que pouco se escuta com nitidez. Este primeiro trecho é a fala de um pastor para um rapaz do público. O pastor inicia uma oração de agradecimento e vai andando pela igreja até abordar um jovem, aparentemente, aleatório:

Das coisas passadas não me lembrarei mais. E nesse novo período da sua vida, coloco porta aberta dentro de ti! E tenho entendido que tens afligido teu coração diante de mim. E tens colocado propósito de fazer e de ser útil na minha obra, pois eu tenho visto e tenho me agradado de você. E estou disposto a guiar os teus passos quando tu derrocares. Eu não te deixarei se tu não me deixares.

Não! E farei mais do que tu podes imaginar e pensar e sentir. E aqueles que ainda te olham com olhares que não são os meus olhares – não te preocupa!, diz o Senhor. Nem com eles e nem com demais coisas. Te preocupe em cumprir o propósito do teu coração. Porque eu, o Senhor, farei e construirei – porque só o Senhor é que muda e que transforma. Que levanta, que capacita, que unge – assim diz o Senhor dos exércitos.¹⁶

O que se segue é uma oração em línguas¹⁷. Deixo outro exemplo. Este pastor realiza uma abordagem semelhante à do primeiro, mas desta vez entrega revelações para um músico que estava no púlpito:

Ainda virão de mais longe o povo. E virão as multidões. Porque eu te escolhi desde o ventre da sua mãe e te separei. Andarás os quatro cantos desta nação, meu servo. Te colocarei nos maiores púlpitos deste país. E os grandes vão te olhar e dizer: de onde ele veio? E tu dirás: De Nazaré. [ora em línguas]. É chegado a hora, eu viro a página, eu mudo o cativo, e vai começar tudo novo. RECEBE! [ora em línguas] Levante a tua mão e glorifica o rei! Levante a tua mão e glorifica o rei! Levante a tua mão e glorifica o rei! Se prepare para o que Deus vai entregar em suas mãos. Isso é só o começo do que Deus vai fazer!¹⁸

Por fim, uma senhora de uns 40 anos aborda um homem que registrava o culto em vídeo. Não é possível saber se ele já é membro da igreja ou está ali apenas como cinegrafista:

¹⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2hiaKsOJ6jo>> Acesso em: 17 de jul. 2011

¹⁷ A “oração em línguas” é a categoria neopentecostal para o fenômeno da glossolalia. A oração não é feita em nenhuma língua oficial ou reconhecível. Costuma-se dizer no meio evangélico que as línguas faladas durante orações desse gênero são “línguas sagradas” inventadas por Deus para que o Diabo não soubesse o que está sendo dito entre o fiel e o Espírito Santo. Nada na Bíblia valida essa suposição.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=z54wv07h9XQ>> Acesso em: 17 de jul. 2011

Eu quero falar algo para este irmão que está filmando esta noite. A obra que Deus tem para sua vida é muito grande. Não te conheço, não sei teu nome, não sei onde tu moras. Mas foi meu Deus que lhe trouxe até aqui. Sabe o teu nome, o dia que tu nasceu, o endereço da tua graça, e ele diz para ti que tem uma grande obra. Se tu pudesse imaginar o que Jesus quer e precisa fazer através da sua vida! [ora em línguas] Esse dia ficará marcado na tua vida, algumas coisas, alguns projetos na tua vida que tu fizesse foram frustrados, mas é porque Deus te quer bem pertinho dele, bem juntinho, não quer que nem por um minuto tu fique longe dele. Porque quando tu sai ele fica contigo, quando tu sai, ele está contigo, quando tu dirige ele está do teu lado. Às vezes tu diz: Senhor, mas qual chamada tu tens pra mim? Dentro de pouco tempo Deus irá começar a te preparar. Deus vai fazer uma mudança radical na tua vida e tu entenderás o trabalho de Deus. Entenderás a chamada de Deus. Tu já tem um encontro especial com Ele. O Senhor ainda diz para ti que tudo que pedes ele te dá. Que quando tu queres conquistar alguma, tu vai, tu luta e consegue. Assim Deus quer usar sua fé, a mesma garra na sua obra! Ele quer homens valentes e destemidos para fazer sua obra. A obra na sua vida está atrasada, mas ele diz pra ti que será rápido. Rápido. Muito rápido. Um piscar de olho – abrir e fechar. [ora em línguas]. Não deixe o tempo passar e ir embora porque a oportunidade que Deus tem para tua vida é muito grande.¹⁹

Há uma série de pontos em comum entre estes discursos transcritos e aqueles que presenciei durante o campo. O primeiro ponto que ressalto é como o profeta/ profetiza joga com a figura do narrador de sua revelação: em um momento, ele fala em primeira pessoa, como se fosse o próprio Deus; em outro, fala em primeira pessoa, mas se identifica como Senhor, Deus, Espírito Santo, Senhor dos Exércitos, etc.; em um momento distinto, volta a ser ele mesmo, falando dos planos de Deus em terceira pessoa.

Outro ponto interessante é perceber como é lugar comum para os neopentecostais utilizar pronomes ligados à segunda pessoa do singular ou plural, em geral, empregados de maneira errônea (suponho que pela falta de uso destes casos no cotidiano, agravados pela baixa escolaridade dos falantes). A explicação que me ocorreu de imediato é que a Bíblia em si é narrada desta maneira, e o uso destes pronomes quando em oração passam pela categoria de Eliade de busca de proximidade com o sagrado e também pela auto-validação que tal discurso, soando mais sagrado ao se aproximar da linguagem bíblica, obtém.

É impossível não perceber que esse tipo de discurso se aproxima muito daqueles utilizados em palestras motivacionais – em primeiro lugar, Deus sempre tem grandes planos para a vida de todos; em segundo lugar, o imperativo é usado

¹⁹ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=3W3lb7donhc> > Acesso em: 17 de jul. 2011

livremente, impelindo o ouvinte a agir em sua própria vida e, ao mesmo tempo, tornando-o dependente daquela fala de incentivo; em terceiro lugar, se nada de positivo acontecer na vida do consulente, a própria revelação exime o profeta do erro já que sempre e invariavelmente implica no cumprimento de certas condutas para que a promessa de Deus se torne real. Se algo prometido não acontece a culpa é do consulente.

Por último, volto à questão da validação: todas as revelações, sem exceção, são intercaladas com manifestações de glossolalia. Como disse no início do capítulo, é este o único meio de sabermos que há algo de sagrado acontecendo ali; que há de fato uma manifestação do sobrenatural. Mais uma vez o sagrado vem validar o discurso dos homens.

Passo agora a transcrever discursos de videntes também disponíveis em vídeo. A revelação a seguir é feita para uma mulher em seus mais de 30 anos escolhida na platéia pelo vidente:

Me parece que você é uma pessoa arrumada – há uma praticidade do dia a dia. Você não vai comprar coisas que vão ficar jogadas – até existem essas coisas, mas isso não é um traço da sua personalidade. Eu te vi numa sala de aula sempre insatisfeita. Você gostava da escola era do contato com suas amigas, que eram muitas. Faz sentido o que eu estou falando? Te vejo com suas amigas e você era a centralizadora.²⁰

O seguinte diálogo se passa entre uma vidente de quase 50 anos e uma jovem de periferia de pouco mais de 20 anos em uma sessão privada. Não é possível dizer se a consulente está ciente da gravação da sessão:

-Eu estou vendo uma atividade espiritual ao seu redor. Dois espíritos mais jovens que você. [...] Você tem amigos que já viraram espíritos... dois amigos?

-Sim

-O que aconteceu?

-Duas overdoses de drogas.

-Sinto muito. Mas te garanto que eles estão te cercando de amor. Eu vejo que eles não esperavam por isso. Eles não achavam que estavam realmente perdidos, não achavam que terminaria assim. [a consulente chora, a vidente lhe abraça]. Você vai superar isso. Você é linda. Eu vejo que você é uma pessoa muito organizada. Você preza por fazer as coisas certas. Você tem que ser paciente – dar um tempo para si mesma.²¹

²⁰ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=B5yOxYZtqWw> > Acesso em: 17 de jul. 2011

²¹ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=dh2llmaCOVQ> > Acesso em: 17 de jul. 2011

Este último é a profecia do primeiro vidente para um rapaz jovem, de terno e gravata, também escolhido em uma platéia.

Sinto em você uma expectativa profissional muito grande. Mudar, subir um posto. Se não aconteceu, está por acontecer. Você vive numa expectativa. Você acredita que vai conseguir porque o seu potencial ainda não foi utilizado.²²

Parece que podemos traçar alguns paralelos com os evangelistas já neste instante. A afirmação do consulente como alguém forte, centralizador e capaz, aliado (novamente) a uma tentativa de gerar uma dependência destes mesmos comentários, é a primeira correspondência.

A postura dos videntes é de segurança e acolhimento, é comum que ponham as mãos sobre o consulente, e eventualmente fecham os olhos, como que facilitando o contato com o mundo do sagrado. Em todos os casos, algum aspecto positivo é atribuído ao consulente – como diz a sabedoria popular, acreditamos em qualquer coisa que nos digam, desde que seja um elogio. O potencial inexplorado, a pessoa centralizadora, forte, organizada – estes elementos funcionam como um catalisador da confiança e da dependência entre oráculo e cliente.

Retornando um pouco ao campo, mas sem me distanciar do tema do discurso, chamo atenção para três figuras simbólicas que aparecem repetidamente nos discursos de todos os casos que presenciei: a aliança, a porta e a chave. Estes três símbolos encerram tantos significados que é até difícil contextualizá-los. Aliás, é justamente por serem ao mesmo tempo precisos e abrangentes (categorias opostas e simultâneas) que são tão utilizados pelos oráculos investigados.

Em todas as revelações e leituras que acompanhei ou que consultei, pelo menos um destes três elementos apareceram. Retomo momentaneamente o que disse em capítulos anteriores: afirmei que são três categorias que geram aflição em um indivíduo: amor, saúde e finanças – a aliança, a porta e a chave me parecem surgir, então, como repostas exatas e otimistas para estas preocupações. Vejamos: a aliança vem representar uma união, evidentemente, e é um símbolo usado majoritariamente com pessoas jovens. A porta é um elemento que representa renovação – o abandono de uma situação anterior e o começo de uma nova fase; ela se encaixa em uma situação de deixar para trás situações de doença ou

²² Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=B5yOxYZtqWw> > Acesso em: 17 de jul. 2011

desemprego, por exemplo. A chave, finalmente, pode representar uma casa ou um veículo, e é sinônimo de bens materiais.

O vidente ou profeta costuma apresentar um destes elementos durante a sessão de consulta, e se houver interlocução positiva por parte do consulente, o símbolo pode se desenvolver em algo mais concreto. Cito alguns exemplos presenciados no campo: o pastor, orando por um homem, disse que Deus estava lhe mostrando uma chave, o homem respondeu que adquiriu uma motocicleta recentemente – a partir dali, o pastor começou a trabalhar com o objeto “moto”, e não mais com a metáfora da chave. Em outro caso, o profeta orava por uma menina e disse ter visto uma aliança em um futuro próximo, ela revelou que estava namorando um dos membros da igreja, o profeta indagou sobre a identidade do rapaz e passou a trabalhar com a categoria do casamento e das tradições cristãs do matrimônio.

Este método de abordagem não funciona somente com estes três símbolos. Uma profetiza, por exemplo, disse a uma senhora que ela tinha um problema, no braço – a senhora respondeu que sofria de artrite, e o mesmo processo teve lugar. Em outra ocasião, desta vez observada em um vídeo na internet, um vidente se refere a um animal ao qual sua cliente (de primeira visita) parecia muito apegada; ela disse que tinha um cachorro, e o processo de substituição de termos teve lugar mais uma vez. O mais interessante é que esta mulher é entrevistada depois da consulta e diz o seguinte “Ele é incrível! Ele falou tudo de mim! Ele falou até do meu cachorro!”²³. O cachorro, como explicado, foi mencionado por ela própria, mas não é tão fácil perceber isso durante uma sessão de consulta – especialmente quando se está na posição do consulente. Eu, que assumi este papel por várias vezes durante o campo, confesso que o diálogo decorre com tamanha sutileza que eu mesma me surpreendi por vezes com algumas revelações, e não foi senão depois de longa reflexão que consegui me lembrar do momento da sessão em que revelei tal informação que me parecia tão privada, e, bem verdade, em outras ocasiões sequer fui capaz de me lembrar.

²³ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=B5yOxYZtqWw> > Acesso em: 17 de jul. 2011

A experiência

Neste último segmento, procuro reproduzir um pouco do sentimento de estar participando de uma sessão de revelação ou de vidência. Como já explicado, é igualmente desafiador e frustrante tentar passar ao leitor qualquer sensação remotamente similar à experiência em si.

A experiência da revelação, por exemplo, foi descrita por uma entrevistada como “aterradora”. De fato, é um momento de comunhão com forças superiores, e é igualmente assustador e comovente. Um pouco como entrar em uma catedral antiga, sombria e magnificente – o sentimento por trás da construção está impresso por toda parte, e parece, por um instante, que não se pode negar a existência de uma divindade capaz de erguer tão incrível obra. Por outro lado, é o tipo de lugar em que ninguém querera ser deixado sozinho, porque é, afinal, assombrosa.

Na experiência religiosa, e na da revelação em especial, a dicotomia se aplica mais forte do que nunca: o terror diante de algo tão poderoso divide espaço com o deslumbramento pela mesma força. “As línguas, a comoção, a energia”, me disse Roberto – um rapaz entrevistado por mim –, esses elementos todos são um pouco perturbadores, especialmente para ele que não cresceu no ambiente evangélico. Ana é o caso oposto – cresceu em tal ambiente, mas acabou renegando as crenças cristãs na idade adulta. Apesar de ter se acostumado com a força dos rituais, tem lembranças de “gritarias”, “choro”, e “barbaridades ditas” nestas interseções. “Ele fechava os olhos e gritava”, me disse Roberto relatando a oração de um profeta, “batia o pé com força no chão, como que em transe”.

Consultas a videntes também tem um caráter de comoção. E aqui, tanto quanto no meio evangélico, o terror é um aliado do previsor – como Adorno já havia notado, o medo é o principal responsável pela dependência que o consulente desenvolve por seu mentor. O dever do previsor é mostrar-se como detentor da solução dos problemas do consulente. Passíveis do mesmo transe que acomete os profetas em momentos mais fervorosos de oração, os videntes podem manifestar mais ou menos empolgação e de maneira mais ou menos assustadora dependendo basicamente de dois fatores: seu próprio *background* místico-religioso e o *background* do cliente.

Além do transe (ainda que em um nível controlado, salve exceções), da alteração de voz, da glossolalia, etc., videntes e profetas ainda têm em mãos uma série de categorias que causam receio no consulente. Associando os problemas do cliente com espíritos malévolos, feitiçaria e inveja, encostos, maldições, etc., profetas e videntes têm em mãos um recurso igualmente poderoso e perigoso. Em campo, perdi conta das vezes em que me foi sugerido que um problema financeiro ou de saúde me acometeria em um futuro próximo, causado, certamente, por alguma maldição herdada, ou alguma macumba feita para mim, ou simplesmente porque despertei, sem qualquer intenção, a ira de algum espírito ou demônio – e repito que tais revelações partiram tanto de videntes quanto de evangélicos, já que, segundo minha observação, é justamente neste aspecto que os dois se aproximam mais.

Finalmente, o ritual de consulta é composto destes vários elementos: desta negociação constante de categorias, do medo, da entrega, da sensibilidade, da intimidade construída a cada encontro entre consulente e previsor. Entregar a um desconhecido seus maiores temores e anseios é uma experiência extremamente emocional.

Tendo analisado estes aspectos e as categorias centrais da experiência oracular – o terror e a comoção –, abordarei no capítulo final a questão do dinheiro em suas dimensões diversas nos dois meios.

CAPÍTULO 5 - DINHEIRO E SACRALIDADE

Em uma entrevista com um vidente, perguntei se ele me faria uma leitura de cartas, esperando, evidentemente, que não me cobrasse por suas caras sessões. Depois de ponderar brevemente, ele disse hesitante que faria sim, desde que eu lhe desse a maior cédula em minha carteira. Imagino que Diogo supôs que eu não tivesse muito, mas não sei se imaginou que eu tivesse apenas dois reais. Ofereci o dinheiro como quem diz "as regras são suas". E ele, como prometido, tirou minha sorte.

Diogo me disse na mesma ocasião que eu não devia jamais consultar um oráculo sem lhe dar algo em troca – incluindo profetas. “A vidência exige uma paga”, falou em tom de quem sabia o que dizia. No mundo da vidência, o dinheiro aparece de diversas maneiras: por vezes velada e timidamente; outras, de modo explícito e sem constrangimento. O dinheiro, à primeira vista, é parte importante do universo do comum, do profano e, portanto, do impuro. Sim, ele talvez até seja, como afirma o clichê “o deus deste mundo”, mas isto não impede que participe ativamente do sagrado. Cito aqui José Renato de Carvalho Baptista para expor com clareza a situação:

[...] na vida social, interesse e desinteresse, dons e mercadorias circulam indistintamente pelas mesmas relações. Logo, o que os deuses vendem aos homens e o que os homens trocam entre si não pertencem a universos separados e distintos. Os objetos, as gentilezas, os presentes que transitam por tais relações, pelo contrário, são sempre híbridos [...] (2007, p.8)

Parece que nos vem de imediato à cabeça o julgamento de valor de que o dinheiro “polui” o sagrado – de que está, invariavelmente, no domínio do interesse e das más-intenções. Isso pode ser verdade, mas não necessariamente é a regra. Estamos tratando aqui de motivações e crenças, em algum nível, individuais, e de acesso árduo para qualquer pesquisador. A verdade, no entanto, é que o meu próprio trabalho de campo e as pesquisas de outros antropólogos revelam que os agentes são capazes de negociações e resignificações de todos os tipos no sentido de naturalizar “a presença do dinheiro nas práticas religiosas, desde que sejam cumpridas certas regras de conduta e etiqueta.” (BAPTISTA, 2007, p. 12)

Neste capítulo, tratarei separadamente dos dois universos por motivos práticos. Buscarei exatamente investigar a transição do dinheiro do profano ao sagrado, e entender quais são as regras de conduta que tornam essa transição possível. De início, trago um pouco da circulação do dinheiro no meio da vidência e,

depois, no meio pentecostal. Comparações serão feitas dentro das respectivas seções quando se fizer necessário.

Vidência e Dinheiro

A vidência, como disse brevemente em capítulos anteriores, é o tipo de prática acessível a qualquer classe de pessoas: consultas variam de 5 a, literalmente, 400 ou 500 reais. Não há limites e nem parâmetro para os valores que podem ser exigidos – neste caso, cabe ao vidente estipular um preço que seja compatível com a renda de seus clientes. Também observei, embora não tenha dados o suficiente para que esta observação seja mais do que hipótese, que videntes que realizam “trabalhos” de feitiçaria cobram menos por suas consultas. Isto faz sentido uma vez que, e agora posso dizer com alguma autoridade, todas as vezes que se consulta um vidente que realiza “trabalhos”, algum tipo de feitiçaria será oferecida ao cliente; e esta é, em geral, bem mais cara que a consulta.

Um pouco como ocorre no candomblé e no meio neopentecostal, o vidente desenvolve com o consulente um tipo de relacionamento que ultrapassa o de mero cliente. Uma dependência com contornos de amizade – mas sempre uma relação hierárquica. No entanto, o dinheiro é fator essencial para a realização das consultas, enquanto em outros universos ele pode ser substituído por presentes. Nas consultas com videntes, o que pode acontecer é uma redução do valor padrão para favorecer algum cliente que por um motivo ou outro não possa pagar. Marcelo, por exemplo, me garantiu que se alguma força superior lhe ordenar, ele fará a consulta de graça, mesmo que para um desconhecido – mas isso não aconteceu em seus mais de trinta anos de profissão. Se necessário, o vidente parcelará o valor da consulta, como um vendedor faria para facilitar a compra de um produto ou serviço qualquer.

Há videntes que vivem exclusivamente de sua renda como tal, e outros que exercem atividades profissionais completamente desvinculadas da vidência. Encontrei, por exemplo, profissionais que eram professores de ensino médio, aposentados, um ex-fuzileiro. Também encontrei pessoas que nunca exerceram qualquer outra atividade. Encontrei inclusive casos curiosos, como um casal que

sustenta a casa com essa atividade, e de uma família: mãe e filhas atuando como videntes. Por alguma razão que talvez só coincidência, foram estes os videntes de mais alta classe social com que me deparei, sendo as últimas donas de uma casa enorme no Park Way.

A frequência com que os clientes visitam seus oráculos varia muito de acordo com suas crenças, personalidade e situação financeira. Como venho apontando de maneira repetida, todos os clientes desenvolvem uma dependência por seus, por assim dizer, “tutores”. No entanto, alguns desenvolvem de modo a causar certo incômodo até aos videntes: “Ela não faz nada sem me consultar. Me telefona, vem aqui várias vezes por semana.”, disse Marcelo em tom de desabafo e desagrado se referindo a uma de suas clientes. Como pessoa, é evidente que este nível de dependência é extremamente cansativo e nocivo para Marcelo, mas como profissional, não há nada mais interessante do que esse tipo de insegurança por parte de seus consulentes. Quanto menos segurança, mais consultas, e mais dinheiro.

O dinheiro, de fato, é o elemento mágico que torna possível as relações entre o vidente e o mundo espiritual. Mais do que em outras relações semelhantes, onde presentes podem substituir o pagamento, na vidência profissional o dinheiro não encontra substituto, exceto em casos raríssimos. Nem todos os videntes se sentem completamente confortáveis em lidar com o dinheiro. Acho que isso se exemplifica na prática de alguns de pedir que o dinheiro seja deixado sobre algum lugar, evitando o contato com este, pelo menos na presença do cliente. Imagino que isto se aproxime, e alguns casos até derive, da tradição das religiões afro-brasileiras de “pagar ao jogo”, e não ao vidente. Isto também passa invariavelmente pela visão que o previsor tem de si mesmo como instrumento, e não como sujeito.

“Os deuses vendem quando dão”, disse Fernando Pessoa em seu famoso poema cujo trabalho de Baptista é homônimo. Neste sentido, acho que é razoável dizer que toda dádiva é uma venda, levando em conta a proposta maussiana de obrigação da retribuição. Em um diálogo numa série de TV, o rapaz fica irritado quando recebe um presente de uma jovem. Ele diz: “Você não me deu um presente. Deu-me uma obrigação” e se põe a explicar como agora ele estava “condenado” a lhe retribuir com algo de valor monetário e sentimental semelhantes. É evidente que não nos preocupamos desta maneira e nem nos portamos de modo tão radical. No

entanto, a lógica da dádiva é exatamente esta: um presente recebido é um atestado de dívida para com o doador. A primeira estrofe do já citado poema prossegue assim: “Os deuses vendem quando dão/ Compra-se a glória com a desgraça/ Ai dos felizes porque são/ Só o que passa”. Aquilo que desejamos como mortais não nos é dado – nos é vendido pelo sacrifício, no caso, pela desgraça. O vislumbre do nosso futuro não é exceção.

O Neopentecostalismo

O evangelismo tem um histórico recente de naturalização do dinheiro. O novo pentecostalismo é um movimento muito particular. Cito Ari Pedro Oro para destacar suas características:

As controvérsias desencadeadas por este segmento religioso resultam, sobretudo, do importante espaço reservado por ele às práticas mágicas e financeiras. Isso acontece não obstante o fato de que, por um lado, as suas igrejas não se restringem a esses aspectos, e por outro magia e dinheiro não constituem prerrogativas exclusivas do neopentecostalismo – uma vez que todas as religiões, “oficiais” ou “populares”, especialmente no mundo capitalista, não se desinteressam pelo dinheiro e se valem da magia, mesmo que (segundo elas) de forma desigual. [...]

O tema da economia e, mais especificamente, a importância atribuída ao dinheiro pela maioria das igrejas neopentecostais é, de longe, o mais controvertido. Isto porque enquanto outras religiões tem uma relação dúbia e esquiva com o dinheiro, aquelas igrejas assumiram o seu interesse por ele; conferiam-lhe sentido positivo, e nos seus templos circulam mensalmente milhões, e mesmo bilhões, de reais. (ORO, 2003, p. 74-76).

O dinheiro, portanto, circula nas comunidades evangélicas, em quantidades potencialmente altas. No entanto, a questão é muito mais complicada do que pode parecer. A sacralização do dinheiro é um processo delicadíssimo – os fiéis não desembolsariam de centenas a milhares de reais se fosse assim tão evidente, como fazem parecer as críticas simplistas, a má intenção dos coletores. A fé é uma experiência impossível de simular – está reservada àqueles que creem e, aos que não creem, resta o esforço de entender por quê o dinheiro gasto na religiosidade faz sentido.

Em primeiro lugar, é preciso deixar para trás o ascetismo e a humildade

pregados pelo pentecostalismo tradicional. Como já foi exaustivamente apontado, o novo evangélico está no mundo para prosperar. O dinheiro que ele tira de sua posse e confia ao pastor para que este cumpra a obra divina, é apenas um agradecimento a deus que tudo lhe deu. O fiel está livre da responsabilidade pelo mau uso de seu dinheiro – quando indagados sobre isso, a resposta comum é a de que se os pastores tomarem o dinheiro para seu usufruto são eles que prestarão contas a Deus. Nada mais cômodo para os dois lados – livre da culpa, o fiel continua doando, sem se preocupar realmente com os usos profanos, e aqui uso a palavra no pior sentido, de seu dinheiro sagrado.

Trago um episódio bastante emblemático para mostrar que, neste universo, dinheiro é mais que dinheiro – é uma coisa completamente distinta. Em entrevista com um membro da Igreja do Monte ele me disse que havia ido à casa de uma profetiza que tinha grande reputação. Perguntei a ele se havia pagado à mulher e ele me respondeu que não, que havia lhe dado um presente – presente que logo em seguida descobri ser “uma ajuda em dinheiro”.

Profetas e profetizas são invariavelmente recompensados por suas orações e revelações, mas aqui, diferentemente do caso dos videntes, o pagamento não está restrito ao dinheiro em si. Não é possível dizer que a relação entre profeta e crente é mais íntima que entre vidente e cliente – o que quero dizer é apenas que o pagamento a um profeta (que não seja Pastor ou Ministro) pode ser feito em dinheiro, doações, e até mesmo refeições.

Penso que uma série de fatores contribua para o fato de que esta relação seja diferenciada no evangelismo e na vidência. Em primeiro lugar, o fato de estarmos tratando de um sistema religioso e um sistema místico – a religião sempre tornou mais evidente a separação entre sagrado e profano, enquanto o misticismo encara o universo como misto indissociável dos dois. Em segundo lugar, a condição econômica predominantemente precária de profetas e profetizas em comparação a uma falta de homogenia do outro lado. A noção de prestação de serviço também é muito mais explícita na vidência – evangélicos se sentem ofendidos pela noção de “serviços religiosos”, apesar de que a naturalização destas práticas seja fator chave de sua dissociação do pentecostalismo clássico.

A paga neste universo, como também no da vidência, se restringe ao ambiente privado. Sessões públicas têm um caráter diferenciado, onde o dinheiro

não está envolvido. O público é uma espécie de vitrine, e a mágica acontece de verdade na intimidade, no vínculo afetivo, hierárquico, etc., que se estabelece entre oráculo e consulente.

A dádiva tonifica e legitima os vínculos criados, que, como a amizade e o parentesco, são vínculos entre pessoas que só se diferenciam pelo socialmente construído. Como dito por Mauss: a dádiva tem um “caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado” (MAUSS, 1925, p. 188). No evangelismo, isso fica ainda mais evidente, justamente por se pretender passar uma imagem de que orações e revelações são movidas por nada mais que a boa vontade cristã dos profetas e profetizas. Não estou excluindo a legitimidade de suas intenções, mas apontando que muitos deles vivem, essencialmente, dos favores e doações decorrentes de relacionamentos com seus consulentes.

A Obrigação Velada

O que move as relações entre oráculos e consultantes é a conhecida obrigação maussiana: a de dar, receber e retribuir. E o que é absolutamente imprescindível sobre esta relação é que ela é cíclica e interminável: uma vez iniciada, ela não termina jamais, embora possa ser interrompida. Não é a simples bondade que impele um crente a fazer orações, bem como não é sua cristandade que o impele a retribuí-las. Tampouco é a vontade de ajudar o outro a comunicar-se com o sagrado que motiva um vidente a prosseguir com suas atividades.

Como na Polinésia, as trocas entre os homens incitam os espíritos e os deuses. A dádiva é parte de um sistema complexo de agrados – agrados a homens e a entidades sobrenaturais. O sacrifício – de tirar de suas posses, de suas economias, de seus alimentos – é uma doação que apraz os deuses. Toda doação é uma doação, na verdade, a eles. A paga é um agradecimento. O “abrir mão” de algo mostra às entidades superiores que você está à mercê delas, e que lhes tem respeito. Uma vez que estas retribuem a doação com o desvelamento do destino, se inicia nova negociação: desta vez para modificar o futuro. Esta segunda transação

se assemelha muito à primeira: videntes realizarão “trabalhos” que exigirão novas pagas, e profetas farão “interseções” que também as exigirão.

O que fica claro nas relações de pagamento e de dádiva no meio oracular é que elas não são opcionais. Por mais que se tente vendê-las como tais, estas relações são bem regradas. O dinheiro e os presentes são peças fundamentais para o funcionamento perfeito e interação entre as partes. A paga garante a boa vontade dos deuses e dá ao oráculo as condições de continuar se dedicando ao seu dom. Sem ela, não há previsão. No mundo do sagrado, os serviços também tem seu preço.

CONCLUSÃO

Nos capítulos anteriores, tratei de minha experiência em campo, de como agem videntes e profetas, das motivações de seus clientes, de como o dinheiro é transacionado sem ferir a lógica do sagrado. Mostrei que há motivo para crer que o fenômeno de previsão do futuro ainda é parte importante da cultura ocidental contemporânea e que vem se adaptando aos novos contextos, enquanto houver na sociedade qualquer pensamento místico ou religioso e, em verdade, para além dele.

Alguns fatos impressionantes mostram claramente este movimento de adaptação da vidência à modernidade – por exemplo, videntes fazendo “promoções” perto de datas comemorativas como Natal e Dia dos Namorados, tornando mais baratas as consultas e todos os seus típicos “feitiços de amor”. Mais recentemente, uma amiga me mostrou, espantada, que cupons de desconto para consulta a alguns videntes famosos de Brasília estavam sendo distribuídos em sites como Peixe Urbano e ClickOn²⁴.

A internet, afinal, tornou-se importante aliada destes oráculos – lembro que parte das transcrições por mim utilizadas nesta pesquisa foram retiradas de vídeos disponibilizados na internet. O *youtube* está repleto de sessões de leitura, orações, revelações, etc. Estes vídeos não apenas ajudam a divulgar o trabalho destas pessoas, mas permitem que indivíduos não iniciados no meio tenham uma idéia do que esperar nas consultas e sessões. Em verdade, não aprofundi a discussão sobre os motivos que levam estes videntes e profetas a tornarem públicos os seus trabalhos, mas arrisco algumas suposições: é uma maneira interessante de divulgá-los (alguns vídeos, inclusive possuem entrevistas com os consulentes), de esclarecer possíveis dúvidas sobre suas práticas, de registrar seu trabalho (que não deixa de ter um lado extremamente performático), e outras questões certamente que eu não conjecturei.

A ciência e a tecnologia não apenas facilitam o trabalho destes oráculos, mas também estão, elas mesmas, a disposição daqueles que procuram desvendar o futuro, como uma metodologia alternativa aos métodos tradicionais oferecidos pela religião. Sites de aposta são a mais nova representação deste fenômeno antigo e

²⁴ Sites que oferecem descontos para seus associados nos mais diversos tipos de produtos e serviços.

altamente modernizável que é a previsão. A idéia é esta: qualquer pessoa pode dar um palpite sobre quando tal invenção ou descoberta acontecerá – por exemplo, a cura do câncer em 2045, ou o teletransporte em 2034, etc. – um depósito de valor a escolha do cliente é feita para a instituição que administra o site e, se a pessoa acertar, receberá uma premiação em dinheiro proporcional à sua aposta e à dificuldade da mesma. Apesar de muitos dos apostadores darem palpites de modo absolutamente aleatório, muitos se baseiam em pesquisas próprias ou de terceiros para buscar fazer apostas o mais acuradas possíveis.

Rememoro também o fenômeno cultural – e, arrisco a dizer, mundial – do polvo vidente, personagem da Copa do Mundo de Futebol de 2010 que acertou todas as seleções vitoriosas das fases finais do torneio – apenas para mostrar como, a todo momento, o imaginário popular retorna a este tópico enquanto a mídia atíça e reacende, de tempos em tempos, a curiosidade das pessoas quanto ao tema. Não posso deixar de citar também as centenas de filmes sobre previsão e vidência lançados todos os anos, como *The Psychic* (2011), *Final Destination* (2000), *2012* (2009); séries como *Medium*, *Dead Zone*, *Flashforward*, etc. – apenas para citar a indústria cinematográfica e televisiva. A mais recente série da Rede Globo, *O Astro*, também será centrada no tema, e várias das novelas passadas já trataram do fenômeno em pelo menos uma de suas subtramas.

Os exemplos ilustram um pouco de como a previsão permeia todas as áreas da vida moderna, não se limitando apenas a pessoas religiosas ou, como diriam alguns, supersticiosas. De qualquer modo, aquela pessoa a quem cabe apresentar perspectivas de futuro (e aconselhar seus clientes) está atrelada a uma tarefa de enorme responsabilidade. Dinheiro, amor e, até mesmo, cuidados com a saúde estão extremamente conectados às respostas que serão dadas por estes profissionais – e é aí que o tema se torna mais delicado e perigoso.

Profecias e previsões ocupam lugar central na vida do novo evangélico e de frequentadores de videntes e cartomantes. A credibilidade que atribuem a estas figuras é a mesma que a maioria de nós atribui a um consultor ou a um médico, por exemplo. Bem verdade, não há qualquer indício (além da nossa crença e confiança pessoal) de que um consultor ou um médico são verdadeiramente qualificados ou estão nos conduzindo de maneira responsável. O mesmo se aplica a estes profissionais do futuro.

Macbeth e Macabéa

Um professor de sociologia uma vez me disse que escritores literários muitas vezes demonstram maior sensibilidade que nós, estudiosos das ciências sociais, para retratar o comportamento humano. Partilho desta opinião e, por esta razão, escolhi duas obras clássicas – uma mundial e outra nacional – que têm relação profunda com o tema que apresentei neste trabalho: *Macbeth*, de William Shakespeare; e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Os dois tratam de previsões, de inseguranças e do impacto causado pela revelação de um suposto “destino” aos personagens centrais da trama. Acho a comparação muito boa porque não apenas se tratam de personagens de caráter aparentemente muito distintos, mas suas histórias se passam em contextos muito diferentes e com quase quatro séculos de diferença. Ainda assim, há um fator que aproxima muito as duas histórias.

Começarei pelo clássico absoluto *Macbeth*. Escrito por William Shakespeare na primeira década do século XVII, *Macbeth* conta a história do barão homônimo que é saudado por três bruxas logo no primeiro ato da peça; bruxas que lhe entregam uma profecia que mudará sua vida. Elas lhe dizem que ele se tornará rei. A princípio, Macbeth se mostra surpreso, e até um pouco incrédulo. Ele profere a frase: “Se o fado ditar que eu me torne rei, eu hei de ser coroado, sem que tenha, para isso, de um passo dar”. Acho esse momento emblemático porque condiz com a postura dos consultantes com que conversei – um fatalismo combinado a afirmação de que a ação pessoal deles não é responsável pelo acontecimento, mas sim o “destino”.

Em seguida, *Macbeth* conta sobre a profecia à sua esposa, Lady Macbeth. Mais ou menos simultaneamente, o rei precisa se hospedar no castelo do casal. Lady Macbeth vê a ocasião como sinal evidente para que se realize a profecia, mas para isso, eles teriam de assassinar o rei. Deixando de lado a idéia inicial de que nada teria de ser feito, o barão acaba concordando, ainda que relutante, com o regicídio. Os dois executam o plano de modo a fazer parecer que o rei fora morto por empregados embriagados a mando dos filhos do monarca.

A culpa acaba enlouquecendo ambos os Macbeth. Lady Macbeth tem ataques de sonambulismo e paranoia e, eventualmente, comete suicídio enquanto o marido, enlouquecido, ordena a morte de dezenas de homens. As três bruxas que previram a ascensão de Macbeth também revelaram que Banquo, seu amigo, daria origem a uma linhagem de reis. Assustado com tal possibilidade, Macbeth ordena o assassinato de Banquo e seu filho, mas só consegue exterminar o pai.

Ao final da peça, Macbeth dá ordens para a execução de outro companheiro, Macduff, e extermina toda a sua família. Convencidos da loucura e da culpa de Macbeth, Macduff consegue reunir um pequeno exército para enfrentar o rei louco. Em um confronto separado, os dois homens se enfrentam. Macbeth, tomado por exagerada confiança, diz ao amigo que as bruxas lhe disseram que ele não poderia ser morto “por nenhum homem nascido de uma mulher”. A batalha tem início. Antes de executar Macbeth, Macduff revela que não nascera de uma mulher, mas “fora arrancado do ventre de sua mãe antes do tempo”, em uma alusão evidente a um parto cesariano.

Macbeth é um homem nobre – um herói enlouquecido. Seu erro maior foi não confiar aos deuses o próprio destino, embora agisse pensando que cumpria justamente a vontade deles. Macabéa, por outro lado, é o oposto exato do trágico personagem. Pobre, insegura, rude, não partilha com seus equivalentes quase homônimos nada além do destino. Moça órfã, criada pela tia religiosa e rígida, muda-se do interior de Alagoas para o Rio de Janeiro em busca das oportunidades que a vida repetidamente lhe negava. Quando a tia vem a falecer, Macabéa vê-se obrigada a dividir o novo lar com mais quatro moças. Criatura de hábitos simples, a protagonista alterna o trabalho de datilógrafa (no qual é péssima) com pequenos prazeres, como ir ao cinema ver Marilyn Monroe – o retrato de tudo aquilo que ela mesma gostaria de ter sido.

Mais tarde no romance, envolve-se com um rapaz que lhe despreza, e que eventualmente a troca por sua colega Glória, a quem ambos veem como sendo muito melhor que Macabéa, mas que é, na verdade, uma caricatura tão triste quanto a própria. Glória, tomada por remorso, convida Macabéa para um lanche em sua casa e insinua que o azar de sua vida até aquele momento estava sendo causado por algum elemento sobrenatural. Glória diz que teve problemas semelhantes que foram resolvidos por uma cartomante e sugere que ela a procure.

Macabéa segue o conselho. Chega à casa da médium cheia de seu costumeiro receio. É recebida com simpatia e escuta pacientemente enquanto a cartomante lhe conta a própria história de vida. Quando finalmente chega o momento de tirar as cartas, Macabéa se emociona porque, pela primeira vez na vida, “ia ter um destino”.

A cartomante começa então a tirar sua sorte, mas compadecida com a triste história da moça, promete-lhe que tudo dará certo em sua vida, a começar no momento em que ela sair de seu consultório. Ela se casará com um estrangeiro muito rico, promete a vidente, sua vida vai ser alegre e tudo mudará completamente – o “futuro”, de repente, reservara para Macabéa tudo aquilo que a moça sempre sonhara.

Inebriada com tantas graças e possibilidades, Macabéa deixa a casa da cartomante completamente atordoada. “Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina” (p. 79). Macabéa desce da calçada “grávida de futuro”. Não demora para que o deus Destino a encontre – debochado diz: é agora, é já, chegou a minha vez. Atropelada por uma Mercedes, é chegada a hora da estrela – uma hora da estrela que é o crepúsculo que Macabéa admira no chão, embalada pelo morte; que é a estrela da Mercedes que impiedosa e velozmente lhe tira a vida; que é a atenção que recebe naqueles últimos segundos de vida, como se se tornasse, de repente, a estrela de cinema de seus sonhos.

A Morte toma Macabéa nos braços – uma Macabéa frágil, como sempre fora, e completamente delirante. O destino parecia realizar-se para ela naqueles últimos instantes de existência – o compadecimento das pessoas, a atenção, o “alto luxo” representado pelo carro. O destino da moça, como dos Macbeth, é trágico. E é trágico justamente porque se realizaram as promessas do fado. O que une o destino destes personagens é justamente o próprio – o destino se desenrolou porque eles fizeram acontecer; porque eles o escutaram, e não foi se não isso que tornou possível a concretização da profecia. A ambição de Macbeth não é senão despertada pelo aviso das bruxas. O encontro de Macabéa com o “luxo” e a “fama” não aconteceria não fosse o fato de ela ter ido à cartomante, o que lhe possibilitou passar pela rua do acidente justamente na hora que lhe seria fatal.

A Profecia se Auto-realiza

Como os personagens trágicos destas duas grandes obras, os personagens da vida real com que convivi durante este período são realizadores do destino que terceiros lhe professam, mas muitas vezes não se dão conta disso. O que há de verdadeiramente mágico sobre a profecia é sua capacidade de se auto-realizar – o conhecimento do que deve ser o nosso destino acaba nos empurrando para ele – a profecia cumpre a si mesma.

Quando expostos a um “destino”, subitamente refinamos nossa atenção para fatores que reforçam o que nos foi dito. Coisas banais que, em dias comuns passariam despercebidos, passam a ser visto como sinais de toda sorte de fados. Como Macabéa, queremos um destino – o destino é a confirmação de nossas suspeitas de que somos, sim, importantes no universo. Como Macbeth, dizemos confiar nos deuses, mas nos articulamos e tomamos as necessárias providências para que ele, o destino, aconteça na primeira oportunidade que temos.

A previsão é um fenômeno tipicamente religioso e, portanto, completamente blindado. Imaginemos o seguinte: se vou a uma corrida de cavalos e digo, antes de seu início, que o cavalo número 7 será o vencedor, qualquer resultado que se mostre real não afetará a validade da categoria “destino”. Veja bem, se eu acertar, duas conclusões são possíveis: a previsão existe, e eu sou capaz de fazê-la; ou eu tive um palpite de sorte, e não podemos afirmar ou negar a validade de uma previsão. Se eu errar, por outro lado, também são duas as possibilidades: a previsão existe, mas eu não sei fazê-la; ou eu não sou capaz de fazê-la, mas também não se pode provar que não exista outra pessoa que seja capaz.

De um modo ou de outro, o sobrenatural estará sempre protegido pelo argumento de que, se não posso prová-lo, tampouco posso desmenti-lo. É por esta razão, entre outras, que esta conclusão não gira em torno da validade das categorias que estudei. Acima de tudo, é preciso notar que a antropologia não tem como objetivo avançar questionamentos sobre a veracidade dessas categorias, mas, sim, visa a investigar como elas atuam, “verdadeiramente”, na vida das pessoas. É claro que, pessoalmente, tenho opinião formada sobre o fenômeno da vidência, como a têm todos os meus entrevistados e todos os meus leitores. No entanto, se

tem algo em que todos podemos concordar é que profecias e previsões, não importa quais sejam suas fontes, impactam a vida das pessoas das mais diversas maneiras. O sentido de propósito por elas oferecido é parte essencial da experiência místico-religiosa e é procurado por todo tipo de gente – ricos e pobres, homens e mulheres, adultos e jovens, Macbeths e Macabéas.

Embora eu tenha voltado várias vezes ao tema da responsabilidade do oráculo para com as vidas e as escolhas alheias, devo lembrar a todos nós – que talvez não saibamos desvelar o futuro – de nossas próprias responsabilidades. O que há de mistério sobre o universo provavelmente permanecerá sempre oculto, mas mesmo onde há a crença em destino, cabe também a do livre-arbítrio – ou, pelo menos, foi esse o discurso defendido em campo por aqueles que creem. Sendo assim, volto uma última vez a William Shakespeare, cujo fascínio pelo fado se encontra em todas as obras. Talvez, como bem disse o autor, seja tempo de culpar a nós mesmos, e de culpar menos as estrelas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. **A Bíblia**. Trad. de Ludovico Garmus Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

ADORNO, THEODOR W. **As Estrelas Descem à Terra**. Ed UNESP – SP, 2007.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. **Os Deuses vendem quando dão**: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no Candomblé. Revista Mana 13 (1): 7-40, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim – São Paulo. Ed. Paulinas. 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANS-PRITCHARD, E.E. 2004. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989

GIANNETTI, Eduardo. **O Valor do Amanhã**. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

HALPERN, Paul. 2000. **The Pursuit of Destiny**: a history of prediction. Cambridge, USA: Perseus.

JAMES, William. **The Varieties of Religious Experience**, Crowell-Collier, New York, 1961.

JOSTEIN, Gaarder. **O Livro das Religiões**. Jostein, Gaarde; Hellern, Victor; Notaker, Henry. Tradução: Isa Mara Lando; Revisão Técnica e Apêndice: Flávio Antônio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KEANE, Webb. (1997), **Religious Language**. *Annual Review of Anthropology*,

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In Sociologia e antropologia. São Paulo: Editora Cosac e Naify, 2003.

MUNN, N. 1992. **The cultural Anthropology of time**. *Annual Review of Anthropology*. Vol 21.pp. 93-123

ORO, A. P. . **Neopentecostalismo**: dinheiro e magia. Anuario Antropologia Social y Cultural En Uruguay 2002 2003, Montevideo, p. 205-214, 2003.

PEIRANO Mariza G. S. **Rituais ontem e hoje**. RJ, Zahar, 2003

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 146 p. (Coleção a obra-prima de cada autor).

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. p. 116-159.